ROMANCES NOVA CULTURAL 2

Julia Verão



Uma Lady Apaixonada

Stephanie Howard

SBD

Título original: *The lady's man*

Copyright © 1996 por Stephanie Howard
Copyright da tradução © 1996 por Editora Nova Cultural.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Nancy de Pieri Mielli

revisão: Projeto Revisoras

preparo de originais: Projeto Revisoras

digitalização: Tinna e Rejane

capa: Star Books Digital

adaptação para ebook: Star Books Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

Howard, Stephanie Uma Lady Apaixonada [recurso eletrônico] / Stephanie Howard [tradução de Editora Nova Cultural]; Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 1996.
recurso digital (Julia Verão; 2)

Tradução de: The lady's man Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-02-6379-515-8 (recurso eletrônico) 1.Romance de Banca. 2. Livros eletrônicos.

E-book distribuído sem fins lucrativos
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

Sinopse

Um tipo não confiável... mas deliciosamente sedutor!

Na opinião de lady Caterine, Matthew Allenby era um oportunista e charlatão. Ele usava de mentiras e adulações para abrir caminho e ingressar no círculo dourado da família real de San Rinaldo. De férias no principado, Matthew precisava de um cicerone, e Caterine foi obrigada a acompanhá-lo noite e dia. Descobriu, então, que seria impossível continuar imune ao charme letal daquele homem. O pior era que ao menos uma de suas suspeitas tinha fundamento: Matthew Allenby era um ladrão!

Um ladrão de corações...

Capítulo 1

Caterine estava furiosa. Parecia um furacão humano em seu trajeto pelo corredor do palácio. Os cabelos loiros e longos se agitavam para todos os lados devido à rapidez de seus passos.

— Estou farta de tantas interferências em minha vida! — bradou com os punhos cerrados e os olhos azuis brilhantes de raiva. — Desta vez vou bater o pé! Ele não vai conseguir me obrigar a fazer o que não quero!

O corredor da ala oeste do palácio, cenário de sua ira, por sorte estava vazio. Os únicos olhos e ouvidos que poderiam ser testemunhas de suas palavras pertenciam às figuras retratadas nos quadros. As paredes estavam repletas deles. Eram retratos de bispos, príncipes e generais que haviam habitado o palácio em outros séculos.

O Palazzo Verde, como era conhecida a imponente moradia, vinha abrigando os ilustres membros da família Montecrespi, herdeiros e senhores do pequeno ducado de San Rinaldo por trezentos longos anos.

Era na ala oeste que o atual duque mantinha seu escritório e aposentos particulares. Todos que o visitavam costumavam percorrer aquele corredor com admiração e respeito. Esse não era o caso de Caterine. Além de já ter visto aqueles quadros centenas de vezes, estava zangada demais para admirar alguma coisa. Tudo o que queria, naquele instante, era dizer umas verdades ao duque de San Rinaldo, seu irmão.

Abriu a porta do escritório com impaciência e disse:

— Damiano! Preciso ter uma conversa com você!

A única pessoa que estava ali para ouvi-la, contudo, era Rosa, a secretária de Damiano. Ao deparar com Caterine, a jovem abandonou imediatamente o trabalho que fazia no microcomputador, levantou-se e fez uma mesura.

— Lamento informá-la, lady Caterine, mas seu irmão não se encontra no palácio.

Em outras circunstâncias Caterine teria caçoado de Rosa pela formalidade da saudação, pois já havia repetido infinitas vezes que aquilo que não era necessário. No momento, porém, sua mente estava ocupada com assuntos mais urgentes.

— Como assim, ele não está? — Caterine protestou. — Ele tem de estar! — Ela atravessou a sala da secretária e espiou pela porta que dava para a sala particular do irmão. — Eu avisei que viria!

Embora Caterine não quisesse acreditar nem em seus olhos nem em seus ouvidos, a verdade era que Damiano realmente não se encontrava em parte alguma.

— Droga! Ele sabia que eu precisava lhe falar! — A pobre Rosa acabou servindo de bode expiatório. —Aonde ele foi? Por que ninguém me avisou que eu perderia meu tempo ao vir até aqui?

Rosa era uma secretária eficiente e se orgulhava disso. Ao ouvir a acusação injusta feita pela irmã de vinte e cinco anos do duque corou intensamente.

— Eu não sei, milady. Ele não me disse nada. Eu... Ela não precisou recorrer a outras palavras para se explicar. Uma voz masculina veio em sua ajuda.

— Não se preocupe, Rosa. Eu assumo o problema a partir daqui.

Ambas as mulheres viraram-se para a porta. Uma delas sorriu ao ver o homem alto e forte, de pele clara e cabelos escuros. A outra franziu o cenho. A que franziu o cenho era Caterine. Ela não tinha motivos para sorrir. Desprezava aquele homem. Em sua opinião, Matthew Allenby era uma víbora em forma de gente.

Por outro lado, era obrigada a admitir que Matthew Allenby era uma víbora atraente e arrogante. Seus olhos cinzentos tinham um brilho quase metálico. Eles eram Capazes de imobilizar uma pessoa tal o magnetismo que detinham. Inclusive ela própria.

Caterine suspeitava de que muitas mulheres sentiam-se atraídas por aqueles cabelos escuros e espessos, por aquela boca carnuda e sensual e pelos traços marcantes de seu rosto levemente bronzeado.

Mas ela não era uma dessas mulheres! Detestava-o. Além disso, seu ar de superioridade e a aura de mistério que o cercavam eram uma advertência para que o mantivesse a distância.

— Então você espera resolver o assunto que eu tinha a tratar com meu irmão? — Caterine perguntou com ironia. — Sinto muito, sr. Allenby, mas o problema não lhe diz respeito.

— Perdoe-me, lady Caterine, mas eu creio que tenho condições de ajudá-la.

Ao se dirigir a ela, de acordo com o protocolo, Matthew Auenby inclinou a cabeça para a frente numa reverência. Q sorriso, porém, não abandonou seus lábios nem por um segundo.

Ela já havia notado essa atitude dele em muitas ocasiões. Matthew Allenby sempre fazia mesuras ao encontrá-la. Não que isso fosse uma demonstração de respeito a sua posição, pois o sorriso zombeteiro estava invariavelmente presente. Talvez de propósito. Afinal ela havia dispensado Rosa dessa formalidade e se negava a fazer o mesmo com ele.

Havia uma série de razões para que Caterine não simpatizasse com Matthew Allenby. Ele era convencido e esperto demais. Era do tipo que pretendia galgar os degraus do sucesso a qualquer preço. E ele exercia uma influência maligna sobre seu irmão.

Inglês, de origem desconhecida, com um passado envolto em mistério, ele havia sido contratado pêlo duque pouco menos de um ano antes para elaborar um projeto para a restauração do palácio e outros para a construção de prédios públicos na cidade. Apesar de ser jovem ainda, na casa dos trinta anos, Matthew Allenby era um arquiteto de renome internacional. Não apenas por merecimento, segundo o que Caterine ouvira falar, mas por ser impiedoso com relação aos concorrentes.

No decorrer dos meses ele havia conseguido se tornar amigo íntimo do duque e não apenas seu colaborador. Sua permanência no pequeno e ensolarado ducado à beira do Mediterrâneo era cada vez maior. Em pouco tempo ele quase não retornava a seu próprio e chuvoso país.

Normalmente, Caterine nem sequer se lembrava de sua existência. Apesar de ele contar com um escritório na cidade e outro no palácio, seus caminhos nunca cruzavam.

Em verdade, a razão de tanta antipatia prendia-se a um fator mais pessoal. Fora por causa de Matthew Allenby que ela havia perdido o amor de alguém que representava seu mundo.

Com a mente voltada para o episódio, Caterine olhou para ele tomada de intensa irritação.

Rosa, que parecia petrificada no lugar, voltou a si quando Matthew Allenby lhe dirigiu a palavra:

— Importa-se de sair um pouco mais cedo para o almoço? Lady Caterine e eu precisamos

discutir alguns assuntos.

— Claro que não, sr. Allenby. Com licença. Caterine notou a expressão de prazer com que a garota desligou o computador e apanhou a bolsa. Era óbvio que

a secretária era mais uma entre as muitas mulheres que o consideravam irresistível e que não conseguiam enxergar a víbora que existia sob a fachada atraente e charmosa.

Não eram somente as mulheres, porém, que se deixavam enganar por Matthew Allenby. Até o duque, que era um homem inteligente e astuto, fora envolvido por ele por alguma razão inexplicável. Damiano tratava o hipócrita como a um amigo, quando Matthew Allenby não era amigo de ninguém. Se cortejava a família real era por interesse apenas no sentido de alcançar um status. no mais alto círculo social.

Caterine esperou que Rosa saísse. Virou-se, então, para ele com um sorriso frio.

— Não precisava ter se livrado de Rosa. Não temos nada a discutir. Eu vim aqui para falar com meu irmão. Como não o encontrei, voltarei para o mesmo lugar dê onde vim e conversarei com ele mais tarde.

— Como quiser — Matthew Allenby respondeu.

Ele acompanhou os movimentos de Caterine até que ela se afastasse. Sabia de antemão que não poderia esperar outro tipo de comportamento por parte da jovem. Ela era uma pessoa difícil de entender. Quem a visse com aquelas roupas esportivas, completamente informal embora elegante, não acreditaria que corresse sangue azul em suas veias. De vez em quando ele não podia evitar o pensamento de que talvez fosse divertido domá-la.

Aquele, contudo, não era o momento propício para tentar colocar a ideia em prática.

Ela já estava quase desaparecendo na curva do corredor quando ele disse:

— Parece que seu irmão não a preveniu de que o assunto que tinha a tratar com ele foi delegado a mim. Pelos seus modos, percebi que tinha urgência em lhe falar. Não quer realmente me deixar tentar ajudá-la?

— Ele incumbiu você de resolver meu problema? —

Caterine se deteve e se virou, indignada. — E se eu não quiser discuti-lo com você?

— Acho que não lhe resta escolha.

— Quanta arrogância!

Matthew sustentou o olhar de desprezo sem esmorecer.

— Encare isso como um dever de minha parte.

A pele de Caterine era alva e suave, uma moldura perfeita para o azul de seus olhos, que em geral apresentavam uma expressão calorosa e bem-humorada. Naquele instante, porém, duas manchas vermelhas haviam tingido suas faces e os olhos pareciam dois blocos de gelo. Até mesmo os lábios, que viviam sorridentes, agora estavam apertados.

— Dispenso seus favores — ela respondeu entre os dentes e prosseguiu em seu caminho. Preferia morrer a discutir seus assuntos com Matthew Allenby!

Mas ele parecia determinado a irritá-la.

— Acho que devo avisá-la de que seu irmão pediu que eu me encarregasse da organização da

festa.

Conforme ele imaginava, Caterine tornou a interromper seus passos, embora nada dissesse.

— Por acaso não era a esse respeito que você queria falar com seu irmão?

Por acaso era, e ela ficou ainda mais furiosa com a adivinhação. Naquele momento, gostaria de ter poderes para transformar Matthew Allenby num sapo.

— Bem, como não respondeu minha pergunta, creio que o assunto não é tão urgente quanto eu pensava. Com licença.

As palavras foram categóricas. O arrogante estava dispensando-a e a seu problema e se dirigindo à sala particular do duque.

— Aonde você acha que está,indo? — ela indagou. Ninguém, afinal, se atrevia a entrar ali sem permissão.

Matthew ignorou a advertência. Diante dos olhos aturdidos de Caterine, ele abriu a porta e desapareceu no interior da sala.

Ela o seguiu após uma fração de segundo, mas antes de protestar, pestanejou incrédula. A ousadia de Matthew havia ultrapassado os limites. Ele estava de pé junto à escrivaninha de mogno, sob uma tela pintada pelo mestre italiano Canaletto durante uma visita a San Rinaldo em 1739. Como se não bastasse, ele estava apanhando uma pilha de papéis!

Nenhuma outra pessoa teria coragem de fazer algo assim. Coragem não, insolência!

— Ponha esses papéis sobre a mesa imediatamente! — ela ordenou. — Ninguém tem o direito de tocar nos documentos pessoais do duque!

Ele não se moveu. Não se dignou sequer a olhar para ela.

— Não ouviu o que eu disse?

— Sim, ouvi — ele respondeu e pôs-se a folhear os papéis.

— Então por que não faz o que estou mandando? Largue esses papéis imediatamente!

Caterine estava ao lado dele e seus olhos estavam fixos sobre as mãos másculas. Ela nunca havia notado o quanto as mãos de Matthew Allenby eram bonitas e ágeis.

Chocada com o pensamento, Caterine mordeu o lábio.

— Sr. Allenby, vou avisá-lo pela última vez. Coloque os papéis de volta!

— Eu os devolverei ao devido lugar, lady Caterine, assim que encontrar o que estou procurando.

Mais uma vez ele ignorou a ordem sem nem sequer fitá-la. Foi demais para Caterine. Ela ergueu as mãos para tomar os papéis.

— Eu disse para largá-los!

— Eu não faria isso se fosse você.

Ela não conseguiu tocar nos papéis. Seu pulso foi capturado por garras de aço..

— Não queremos rasgar os documentos de seu irmão, não é? — ele indagou sem soltá-la e sem perceber que um súbito calor estava se espalhando pelo corpo de Caterine. — E vamos aproveitar para esclarecer um ponto. Eu não recebo ordens de ninguém, muito menos de você. Fui contratado pelo duque Damiano, minha cara lady Caterine. Não lhe devo nenhuma satisfação.

O charmoso Matthew Allenby havia desaparecido. Em seu lugar surgira um homem rude e perigoso. Caterine sentiu um arrepio lhe percorrer o corpo ao cogitar de que aquele homem seria capaz. Mas ele estava muito enganado se pensava que ela iria recuar.

— É aí que você se engana. Como irmã do duque, eu tenho 9 dever de proteger os interesses dele. Você não tem o direito de vasculhar seus documentos particulares.

— Desculpe, mas quem está enganada é você. Acontece que eu tenho todo o direito do mundo. Foi seu próprio irmão quem solicitou que eu apanhasse certos papéis em sua mesa. Como vê, estou apenas fazendo meu trabalho. Seu ataque de fúria, portanto, foi completamente inútil e sem propósito.

Será que ele estava dizendo a verdade? Caterine suspeitou que sim. O sujeito, afinal, havia se tornado íntimo de Damiano e conseguido espalhar sua má influência por todo o palácio. Ele havia interferido até mesmo em sua vida amorosa.

Sim, ele estava dizendo a verdade. Ela não tinha dúvidas. Mas apenas com respeito aos documentos de seu irmão. Quanto aos outros assuntos, ele realmente havia ultrapassado os limites.

— Solte-me! — ela quase gritou.

— Com prazer — ele respondeu com um sorriso. Em seguida, tornou a vasculhar os papéis.

Caterine não se moveu do lugar. Enquanto observava os movimentos de Matthew Allenby ficou pensando que ele a odiava com a mesma intensidade que ela a ele. Seu pulso ainda doía. Como ele se atrevera a tratá-la com tão grande desrespeito? A única razão que a impedira de reagir mais cedo fora a perplexidade diante da ignóbil atitude.

— Encontrei! — Matthew exclamou consigo mesmo e finalmente se dignou a fitá-la. — Curiosamente, isto é um relatório sobre a festa. Não quer mesmo tratar comigo a esse respeito?

— Prefiro esperar meu irmão.

— Ele lhe dirá o mesmo que eu estou lhe dizendo. Que eu fui encarregado da organização da festa.

— Meus parabéns. Daqui a pouco ele o colocará à frente de todos os negócios que envolvem não só o palácio, mas todo o ducado.

— Infelizmente eu não teria condições de ajudá-lo a esse ponto por absoluta falta de tempo. — Ele fez uma pausa e ela precisou se esforçar para não demonstrar a frustração que sentia. Não havia um modo de obrigar aquele convencido a baixar a crista? Antes que ela pudesse encontrar um meio de fazê-lo, ele continuou: — Seu irmão acha que a festa deverá ser diferente este ano. Eu o apoiei. Terei muita satisfação em contribuir para que o evento seja realmente especial.

A festa anual dos Montecrespi era realizada todos os anos nos jardins do palácio, em meados de julho, para comemorar o aniversário do duque. O evento era um dos principais do calendário social europeu e americano. Os convidados chegavam de todas as partes, dos Estados Unidos à Austrália, para brindar a saúde do duque com champanhe e saborear o banquete onde nunca faltavam o salmão defumado, as trufas e os morangos silvestres.

Em nenhuma outra ocasião se reuniam pessoas tão distintas e importantes. Príncipes e condes, embaixadores e primeiros-ministros e toda a nata do mundo do entretenimento.

Até onde a memória de Caterine chegava, as festas e a decoração do jardim sempre haviam

ficado a cargo do barão Igor. Com a morte dele no início daquele ano, a tarefa teria de ser delegada a outro elemento. Caterine apenas não esperava que o elemento escolhido fosse justamente Matthew Allenby.

Um pensamento triste lhe veio à mente. Em anos anteriores, ela teria sido informada. Nos últimos tempos, porém, ela e Damiano quase não se falavam. Por culpa de Matthew Allenby, é claro, e de suas intrigas com relação ao namorado que ela arrumara havia nove meses.

O homem estava merecendo um castigo. Ela vinha arquitetando um plano de vingança, havia algum tempo. Mal via a hora de sentir seu doce sabor.

— §em, acho que só me resta lhe dar os parabéns, embora a notícia me surpreenda. Nunca imaginei que você entendesse desse tipo de trabalho.

— Não faz parte de minha profissão, realmente. Não terei de empregar meus conhecimentos de arquitetura na decoração do jardim onde será realizada a festa. Mas eu gosto de diversificar uma ou outra vez. Tenho certeza de que não terei problemas em encaixar esse trabalho entre minhas outras funções.

"Lógico. Ele é um dínamo humano. Sua mente fervilha de projetos em todos os sentidos", ela pensou.

Fosse outro homem, ela teria admirado a energia e a determinação, mas aquelas qualidades em Matthew Allenby se tornavam defeitos.

— Interessante — ela murmurou —, mas você se enganou ao imaginar que meu problema com relação à festa esteja ligado a sua esfera de influência. O que eu precisava discutir com Damiano não envolve designs.

— Qualquer que seja o problema, ele diz respeito a mim. Será que ainda não entendeu que seu irmão depositou toda a responsabilidade do evento em minhas mãos?

Caterine olhou para ele com desconfiança.

— Ele o encarregou também da lista de convidados?

— Também.

A afirmação a deixou sem fala. Era terrível! A lista de convidados para a festa anual dos Montecrespi era algo quase sagrado. Muitos venderiam suas almas pelo privilégio de terem seus nomes incluídos.

O esquema sempre funcionara nos anos anteriores. Cada membro da família real providenciava uma lista e a submetia à aprovação do duque. Com esse poder delegado a um oportunista, a festa seria um desastre. Confiar essa tarefa a Matthew Allenby seria o mesmo que confiar um rebanho de ovelhas a um lobo faminto.

— Acho isso incrível — ela disse e se calou por mais alguns instantes. — Sobre as listas preparadas pelos demais membros da família, houve algum problema com elas? Os nomes apontados foram aprovados?

Matthew percebeu aonde Caterine estava querendo chegar, mas fingiu-se de desentendido.

— A lista da duquesa foi aprovada, certamente. — Ele estava se referindo a Sofia, a jovem e linda esposa de Damiano que havia lhe dado um bebê que já contava com oito meses.

— E a de Leone?

O conde Leone era o segundo irmão de Caterine. Um ex playboy e atualmente um feliz homem casado. Matthew moveu afirmativamente a cabeça.

— A lista do conde também foi aprovada.

— Muito bem. E a da condessa?

— Inclusive..

— Por que todos tiveram suas listas aprovadas na íntegra e eu não? Poderia explicar?

Matthew encarou-a por um momento antes de responder.

— Lamento dizer que algumas das pessoas constantes de sua lista não são muito convenientes.

— Aos olhos de quem?

— Aos meus — ele respondeu. — E, tenho certeza, aos de seu irmão.

— Posso saber por que você as considera inconvenientes?

— Por causa de certas amizades que elas cultivam, que não são recomendáveis.

Caterine desejara chamá-lo de mentiroso. Se havia alguém inconveniente naquele palácio era ele. Tinha certeza de que Matthew havia riscado os nomes de sua lista só porque ela os havia conhecido por meio de Horácio, seu ex-namorado.

Havia um ditado que dizia: "Um inimigo de meu amigo é meu inimigo também". Matthew e Horácio eram inimigos. O caso estava explicado. Ela tinha quase certeza de que Matthew Allenby tinha muito a esconder. Era por isso que preferia manter seus inimigos e os amigos de seus inimigos a distância.

Para se livrar de Horácio, ele o desgraçara perante Damiano e pusera um fim em seu romance. Inventara uma porção de mentiras sobre ele e saíra triunfante da luta imunda.

Mas ela ainda provaria que era Matthew o crápula, e não Horácio!

De repente, Caterine viu-se farta daquela situação. Com o tom de voz mais frio que conseguiu imprimir, disse:

— Levarei essa sua atitude ao conhecimento de meu irmão. Você terá de voltar atrás e meus amigos serão convidados para a festa.

Matthew não argumentou.

— Está em seu direito.

— Sem dúvida. Pretendo falar com ele ainda esta noite. Quanto mais cedo resolvermos este problema, melhor será. Sim, eu falarei com ele antes de ir ao jantar do Instituto Bardi.

Ao acrescentar as últimas palavras, Caterine não pôde evitar um sorriso. Ela havia se esquecido completamente daquele jantar, que seria oferecido na Prefeitura, apesar de ser a patrona do instituto e, portanto, a anfitriã. O acontecimento seria suntuoso. A finalidade do jantar era comemorar o fechamento de um importante contrato para a construção de uma nova ala no Instituto Bardi para Crianças Deficientes. Caterine era patrona de muitas instituições' e a Bardi era uma delas.

Ela havia sorrido de satisfação. De uma coisa, ao menos, Matthew não estava ciente. E quando descobrisse, seria a vez de ele sentir raiva e frustração.

— Você irá ao jantar desta noite? — ela perguntou com ar inocente.

— Talvez.

Caterine mal conseguia se conter. Matthew Allenby não tinha meios de saber que ela havia descoberto tudo sobre seus procedimentos ilícitos.

— E quanto à apresentação desta tarde?

— A reunião estará encerrada muito antes do horário marcado para o início do jantar.

"É claro que ele não quer perder o jantar por nada no mundo", Caterine pensou. "Não imagina que eu sei que ele entrou secretamente na concorrência para a realização da obra sob o nome Tad UK, uma das empresas menos conhecidas de Londres."

Ela não via a hora de abrir o envelope e dizer em voz alta o nome do vencedor. Em sua arrogância, Matthew Allenby certamente esperava que fosse ele.

Todas as empresas que se ofereceram para realizar a obra estariam presentes ao jantar. O clima de expectativa certamente seria grande. O nome do feliz vencedor seria divulgado logo no início do prestigioso evento.

E Matthew Allenby sairia desmoralizado, se coubesse a ela escolher. Seria maravilhoso testemunhar a humilhação daquele homem que se comprazia em riscar os nomes de seus amigos de sua lista, e também se ver livre de sua presença durante o jantar. Orgulhoso como era, Matthew certamente deixaria o local antes que alguém se atrevesse a lhe dar as condolências.

— Os projetos que nos enviaram são magníficos — ela informou.

— E você já sabe o nome do vencedor, eu aposto.

— Acertou. Eu fiz parte do comitê que analisou os projetos e que escolheu o melhor.

Ela realmente havia examinado todas as propostas e rejeitado a que fora enviada por Matthew. Não por ter sido feita por ele, pois naquele dia ainda não havia sido descoberta a conexão com o escritório de Londres, mas porque, o design não era bom o suficiente. Mas que ela havia' sentido uma enorme satisfação com a notícia, não podia negar.

— A vencedora será uma empresa estrangeira. Eu nunca ouvi falar sobre ela antes. Quanto ao projeto apresentado, ele é excelente. Terei um grande prazer em recepcionar seu ou sua representante esta noite e em lhe entregar o contrato para ser assinado.

Matthew sorriu.

— Você está me deixando curioso.

Caterine retribuiu o sorriso com uma falsa doçura. Mal podia esperar pelo momento de anunciar o vencedor no palco.

Quando voltou para seus aposentos, ela surpreendeu-se sorrindo várias vezes. Até que o dia não estava sendo tão ruim, afinal de contas.

A atmosfera estava carregada de eletricidade.

Caterine estava sentada no palco, acompanhada pelos outros sete membros da diretoria. Fazia tempo que não se sentia tão excitada. Trabalhara bastante na organização da festa, mas estava satisfeita com o resultado.

Colaboradores de várias partes do globo anunciaram sua participação no evento. A publicidade e o prestígio dessas pessoas estavam revertendo, de um modo muito feliz, à bendita caridade. Havia

mais de seis meses que a instituição não recebia tantos donativos.

No entusiasmo do momento, ela quase esqueceu sua rixa com Matthew Allenby. O trabalho social era tudo em sua vida. Desde o rompimento do namoro, havia canalizado todas suas emoções e energias a ele, e o Instituto Bardi, entre os diversos com que colaborava, contava com um cantinho especial em seu coração. Seria um privilégio, portanto, anunciar o nome de quem passaria a trabalhar junto a ela no sentido de proporcionar maior conforto às crianças carentes.

O sr. Roberto Lecori, presidente do Lar Infantil Bardi, apanhou o microfone e fez o discurso de abertura. Nos primeiros instantes, ouviu-se um burburinho enquanto a audiência se acomodava. Em seguida, todos os olhares se voltaram, atentos, para ele.

Com exceção de um, na quarta fileira, que estava fixo sobre Caterine.

Ela estava linda e serena, Matthew pensou. Era completamente diferente das mulheres oferecidas que viviam cercando-o por onde quer que passasse. Caterine o intrigava. Sua personalidade apresentava muitas facetas. Qualquer homem que se apaixonasse por ela teria um desafio nas mãos. A ideia o fez sorrir. Sempre gostara de desafios. Se o destino e a sorte resolvessem colocá-los um ao lado do outro, ele adoraria.

Aproveitou para observá-la e admirá-la, pois sabia que ela ainda não o havia localizado entre os presentes. Nunca conhecera uma mulher tão bonita, tão feminina e tão cheia de personalidade quanto Caterine. Era muito inteligente também. Não entendia o porquê de ela ter se envolvido, alguns meses antes, com um homem que não à a merecia. Depois, chegara a se arrepender por ser o responsável pelo rompimento entre ambos. Ela havia emagrecido muito e apresentado uma feição muito triste por um longo tempo. Agora, finalmente, parecia recuperada. Estava mais linda ainda, se isso fosse possível.

O sr. Lecori estava chegando ao fim do discurso e a platéia já dava mostras de impaciência.

— Neste momento, para anunciar o nome do vencedor, queremos chamar nossa querida patrona, lady Caterine...

Caterine se levantou sorrindo embora praguejasse por dentro. Fazia dez minutos que tentava encontrar Matthew Allenby entre a multidão de rostos. Em vão.

Droga. Será que lhe seria negado o prazer de olhar para ele no momento em que anunciasse o vencedor?

— Obrigada, sr. Lecori... — Caterine agradeceu e se colocou por trás do microfone ao mesmo tempo que inspecionava, mais uma vez, a audiência. Para seu júbilo, encontrou-o. — Senhoras e senhores...

Havia uma mulher de chapéu na frente dele. Fora por essa razão que não conseguira vê-lo. Mas, agora, sobre a plataforma, o problema estava solucionado. Dava para enxergar não apenas o rosto atraente de Matthew, mas também seu paletó azul-escuro e a gravata vermelha.

Ele percebeu que estava sendo observado e sorriu. Ela esfregou as mãos de contentamento. Dali a dois minutos aquele sorriso odioso se apagaria.

Ela deu início ao discurso, agradecendo pelos donativos e pela presença de tantas personalidades. Estava tão ansiosa pelo momento da divulgação que seu coração parecia querer saltar do peito.

— E, agora, é com grande prazer que anuncio o vencedor cujo projeto, apesar do alto padrão alcançado pelos demais, foi o que mais se destacou, na opinião unânime dos juizes.

"Aguarde-me", ela disse mentalmente a Matthew Allenby. "Prepare-se para uma das maiores decepções de sua vida."

— E a vencedora é a Empresa Secolo Designs, da cidade de Geneva!

A audiência se pôs a aplaudir. Todos os rostos se viravam em todas as direções, ansiosos por ver quem se levantaria para receber o contrato. Menos o dela. Caterine continuava com sua atenção dirigida a alguém na quarta fileira.

Mas o que estava acontecendo? Não podia ser! Seu sangue se transformou em gelo. Matthew estava se levantando com um sorriso triunfante.

Capítulo 2

A apresentação havia terminado e todas as fotos haviam sido tiradas. De volta ao Palazzo Verde, Caterine e Matthew discutiam.

Ela estava pálida de raiva. O que mais queria naquele instante era que Matthew fosse tragado pela terra para que nunca mais precisasse olhar para seu rosto.

— Como pôde? Não existem palavras que possam explicar o que você fez. Desonestidade seria pouco.

Matthew, entretanto, estava muito calmo. Sentado numa poltrona de couro diante da escrivaninha dela, parecia satisfeito com o desenrolar dos acontecimentos.

— Desonestidade? — ele repetiu, sem ter muito sucesso em disfarçar um sorriso. — O que a fez chegar a essa conclusão?

— Secolo Designs! Eis a resposta! Você blefou vergonhosamente!

— Mas não foi um blefe. Esse é o nome de uma de minhas empresas.

— Oh, sim. Quanta esperteza! Você o inventou especialmente para a ocasião?

Um truque sujo. Somente alguém como Matthew Allenby seria capaz de descer tanto. A lembrança do momento em que lera o nome do vencedor e o vira se levantar a fez estremecer.

No início não havia acreditado. Piscou várias vezes. Deveria estar sonhando acordada. Mas não, ele realmente havia começado a andar em direção ao palco para receber o contrato. Não fora um sonho, mas um pesadelo!

Não bastasse o choque, ela ainda fora obrigada a suportar a tortura de uma sessão de fotos. Os fotógrafos não se cansavam de pedir que posasse ao lado de Matthew entre sorrisos e apertos de mão. Não tivera alternativa. Precisara fingir que estava feliz por aquele crápula ter conseguido o precioso contrato.

Fora terrível. Absolutamente terrível. No primeiro momento em que teve condições de lhe falar, sem que fossem ouvidos, exigiu que ele comparecesse a seu escritório no palácio assim que voltassem.

Ele a fez esperar, como não podia deixar de ser.

Caterine já estava aguardando por quinze minutos, sem parar de andar de um lado para outro, quando ele se dignou a abrir a porta.

— Desculpe, mas fui detido por uma multidão de repórteres. Eles queriam saber como eu estava me sentindo como vencedor. — Matthew esboçou um sorriso. — É claro que eu lhes disse que estava exultante.

A vitória para Matthew, Caterine sabia, não significava apenas dinheiro e prestígio. Significava principalmente um triunfo sobre ela. Ou ele não teria se comprazido em humilhá-la:

— Não é minha culpa se você não sabia que a Secolo é uma de minhas empresas. Eu a adquiri há dois anos. Portanto, caso tenha lhe passado pela cabeça que eu acabei de inventá-la para enganar você e toda a diretoria da Bardi, errou em seu julgamento. Por outro lado, se a comissão queria conhecer o currículo dos concorrentes, teria sido fácil descobrir.

A hipótese havia ocorrido a Caterine, mas como as empresas seriam julgadas apenas pelo mérito de seus projetos, nenhuma informação adicional fora solicitada.

— Antes eu tivesse feito as devidas averiguações.

— Quer dizer que teria votado contra mim se soubesse? — Matthew fez uma expressão de perplexidade. — Não acha que seria um comportamento inadmissível a alguém com seus padrões morais?

Caterine refletiu por um instante. Teria votado realmente a favor de Matthew Allenby? Ou teria votado contra mesmo ciente de que o projeto dele era o melhor de todos?

Ela franziu o cenho.

— Acho que eu teria me retirado do conselho e me abstido de votar.

Matthew não respondeu. Teria se ofendido ao constatar a força de sua antipatia por ele? Com outra pessoa qualquer ela jamais se comportaria de modo rude, mas Matthew Allenby a tirava do sério.

Ele observou-a em silêncio por mais alguns segundos. Depois disse:

— Mas você não pediu afastamento da tribuna por causa da Tad UK. — Matthew lembrou. — Acho que conhecia minha ligação com a empresa. Ou não?

Caterine não pôde negar.

— Sim, eu sabia que a Tad UK é uma de suas empresas. — Ela deu de ombros. — Não precisei me preocupar a respeito. O projeto apresentado não tinha qualidade para competir com os outros. Você não deveria estar inspirado quando o desenhou.

— Não era tão ruim — Matthew retrucou, mas acabou confessando: — Eu não colaborei com aquele projeto. Ele foi feito por um de nossos estagiários. Para um iniciante, acho que foi bom.

Caterine se controlou para sua expressão não mudar. Com aquelas palavras, Matthew havia acabado de lhe negar a última chance de prazer. Ela não tinha mais argumentos.

Recostou-se na cadeira e encarou-o. Matthew estava irritando-a além dos limites. Antes não o tivesse chamado a seu escritório. Ao mesmo tempo, não queria realmente mandá-lo embora. Matthew lhe despertava uma estranha e poderosa compulsão. Sentia quase que uma necessidade de tê-lo a seu lado. Além disso, ainda não havia dito tudo o que queria dizer!

— Eu acho que você deveria ter me contado que havia submetido um projeto para aprovação. Seria a atitude esperada de qualquer pessoa normal.

— Tive minhas razões para manter silêncio. Não queria que as pessoas me acusassem de tentar cavar favores. Sou amigo do duque e todos sabem disso. E você é irmã dele. Os diretores da Bardi poderiam ter pensado que eu estava em busca de uma consideração especial.

Sim, era possível. As pessoas certamente pensariam algo nesse sentido. Era estranho que a ideia não lhe houvesse ocorrido até aquele momento.

Matthew Allenby jamais teria recebido uma "consideração especial" de sua parte, principalmente depois do malogro de seu romance com Horácio, mas os outros não tinham meios de saber disso.

Ela deu uma pequena e amarga risada.

— Eles não sabem nada.

Matthew entendeu a que Caterine estava se referindo e cogitou, pela primeira vez desde o acontecimento, se não havia se enganado em pensar que ela acabaria esquecendo o rapaz. Afinal, havia dor por trás daquele riso e daquela ironia.

Caterine estava precisando de alguém que curasse seu coração partido. De repente, ele se viu pensando que gostaria muito de ser seu novo amor.

— Se tivesse me apresentado ao comitê de julgamento — Matthew continuou —, eu a teria colocado numa posição delicada. Não me perdoaria se você fosse obrigada a omitir sua opinião por minha causa, ou até a se retirar da tribuna para que os diretores não se sentissem pressionados.

— Eu não imaginava que você fosse um homem altruísta — ela disse com sarcasmo.

— Minha modéstia obriga-me a esconder essa e outras qualidades que possuo.

— E ainda tem a coragem de se dizer modesto!

— É claro que também procuro esconder a modéstia — ele respondeu.

— Eu lhe garanto que suas qualidades estão muito bem escondidas. Não as teria notado nem sequer em um milhão de anos.

— Não? — Ele balançou negativamente a cabeça. — A generosidade não é seu forte.

— Sou realista. Julgo o que vejo, e o que vejo contradiz seus protestos.

— As aparências enganam, você nunca ouviu essa frase? Mas não tem importância. Quando trabalharmos juntos, terá muitas oportunidades de me conhecer melhor.

Até aquele instante Caterine chegara a apreciar a luta verbal. Os homens que conhecia ou eram tímidos ou não se atreviam a contrariá-la. Isso acabara cansando-a.

Matthew Allenby era dono de uma personalidade forte. Jamais poderia chamá-lo de monótono. Por mais que detestasse admitir, gostava desse lado dele.

A menção ao trabalho, contudo, estava longe de agradá-la. Faria qualquer coisa para impedir que ele tomasse conta das obras.

A ampliação do instituto era seu projeto mais querido. Empregara nele meses de dedicação e energia e sonhara muitas vezes em lhe dar vida juntamente com a empresa construtora. Poderia ter sido qualquer uma, menos a empresa de Matthew Allenby. Ele precisava ser afastado do projeto a qualquer preço.

Duas soluções lhe ocorreram durante a meia hora que durou o encontro: uma era razoável e a outra brutal. Tentaria a primeira antes.

— Acredita realmente que trabalharemos juntos? — ela perguntou no tom de voz mais calmo que conseguiu usar.

Matthew pareceu surpreso.

— Eu tinha certeza disso. Você é a responsável pelo projeto. Pensei que estivesse envolvida não apenas na escolha da empresa, mas também na execução da obra. Será que me enganei?

— Não, você não se enganou.

— Nesse caso trabalharemos juntos.

Caterine baixou os olhos e procurou ganhar tempo. Precisava estudar aquele problema com muito cuidado ou ele acabaria explodindo em suas mãos.

— Você não acha que já está ocupado demais com as obras de meu irmão? Neste momento, inclusive, está cuidando da organização de sua festa de aniversário. Essas coisas tomam tempo. Como você sabe, a ampliação do instituto é urgente. Receio que se sinta pressionado com o acúmulo de trabalho.

Caterine se deteve e esperou que ele respondesse. Teria acertado o alvo? Gostaria de ter poderes para ler pensamentos. A expressão daqueles olhos cinzentos era indecifrável.

— Você tem razão — ele disse. — Eu ando muito ocupado.

Caterine suspirou de alívio mentalmente. Ao menos ele não havia respondido com ironia. O comportamento mais gentil podia indicar que ela havia encontrado o caminho certo para atingi-lo.

— Você já nos ajudou muito apresentando o melhor projeto. A partir de agora não será necessário empregarmos pessoas tão especializadas. Você deve ter empreiteiros a quem delegar a responsabilidade pela obra, não?

Uma pessoa de seu talento, na minha opinião, não precisa cuidar do trabalho braçal.

Matthew não respondeu de imediato.

— Minha conduta profissional normalmente se restringe ao lado intelectual do projeto. Você acertou.

Mais tranqüila, Caterine sorriu.

— É compreensível. Afinal, você é humano. Ninguém pode esperar que faça todo o trabalho sozinho. Além disso, você deve ter outros projetos mais importantes para se dedicar. A solução mais sensata realmente seria a de chamar outra pessoa para se encarregar da parte concreta da obra.

— Há lógica em seu conselho.

Caterine se parabenizou. A vitória era dela, apesar de tardia.

— Fico contente que tenhamos chegado a um acordo.

Matthew sorriu. Seu olhar estava fixo no rosto de Caterine. De repente, porém, desviou-o para o pescoço, para os ombros e para os seios, de uma forma tão sensual que Caterine prendeu o fôlego.

— Quando você relaxa e sorri, fica ainda mais bonita. Estava pensando nisso esta tarde quando a vi no palco. Acho que nunca a vi tão linda.

Caterine forçou-se a aceitar o cumprimento com um sorriso, mas o que realmente queria era dizer a ele que sua opinião não lhe interessava. Dois motivos a impediam. Um deles era passível de ser controlado, o outro não.

O primeiro era a relutância em provocar a mudança de humor de Matthew. Ela havia conseguido um grande avanço com ele e precisaria estar louca para estragar tudo só pelo prazer de colocá-lo em seu devido lugar.

O segundo era uma sensação muito estranha de estar sendo dominada pela força daqueles olhos escuros de uma forma deliciosa e ao mesmo tempo intolerável.

Ele sorriu.

— Espero que você continue assim esta noite para que nosso jantar seja muito agradável.

Caterine pestanejou. Havia se esquecido completamente sobre o jantar. Ela, como patrona da Bardi, deveria recepcionar o vencedor da concorrência num jantar de comemoração na Prefeitura. A

menção a trouxe de volta à realidade. De repente, não se sentia mais vulnerável. Por outro lado, sabia que deveria continuar se mostrando simpática e gentil. Não lhe custaria muito jantar com ele, afinal, tendo em conta que aquele seria o último sacrifício exigido por sua posição.

— O jantar provavelmente será útil além de agradável — ela murmurou. — Não pensa em aproveitar a ocasião para anunciar o nome daquele que o substituirá na execução da obra?

Ela olhou para ele, expectante. A noite acabaria sendo encerrada com chave de ouro.

Mas a expressão de Matthew mudou.

— Temo que você tenha compreendido mal minhas palavras. Ninguém me substituirá. Eu mesmo cuidarei da execução dos trabalhos.

Caterine quase se levantou da cadeira.

— Mas você disse...

— Eu não disse que me afastaria. Comentei apenas que seu conselho tinha lógica. Acontece que eu fiz o projeto com a intenção de conduzi-lo em todas as etapas. — Matthew fez uma pausa e sorriu. — Sinto muito desapontá-la.

Ela havia caído na armadilha. A constatação do ocorrido deixou-a sem fôlego por um instante. Matthew havia percebido sua manobra desde o começo. É claro que sabia que ela não estava preocupada com o fato de ele estar sobrecarregado, mas sim com o prospecto de trabalhar com ele.

Caterine raciocinou rápido. Embora ele tivesse se recusado a jogar como um cavalheiro, ela ainda não estava disposta a entregar a partida. Tentara a aproximação pacífica em primeiro lugar. Agora lançaria mão de todas as armas que pudesse encontrar.

— Acho que é você quem está cometendo um erro.

— Um erro?

— Não vai dar certo.

— Por que não?

— Precisa perguntar? Nós não somos nem sequer capazes de conversar de modo civilizado, quanto mais de trabalhar juntos!

— Talvez seja difícil, eu admito, mas pretendo encarar o desafio.

— Há desafios e desafios — ela retrucou. — Esse não me atrai. Não quero trabalhar com você.

— Sinto ouvir isso. Quer dizer que você chamará outra pessoa para substituí-la?

— Claro que não. Tenho muito carinho por esse projeto. Não o entregaria a ninguém.

— Nesse caso não vejo outra saída. Se nenhum de nós está disposto a se afastar da Bardi, a única solução é aceitarmos a ideia de trabalharmos juntos.

— Você não entendeu. Eu não deixarei que você faça o trabalho.

— Não? — Ele ergueu uma sobrancelha. — O que diz não faz sentido. Por que não tenta explicar?

Matthew estava fitando-a de um jeito que fez seu coração disparar. Agora que o momento havia chegado, ela se viu relutante.

— Eu tinha esperança de poder evitar uma situação extremamente desagradável.

— De que está falando? — ele insistiu.

Caterine engoliu em seco. A coragem estava lhe faltando, de repente, mas ela não pretendia recuar.

— Do tipo de situação que poderia arruinar sua carreira e expulsá-lo de San Rinaldo. Acontece que eu sei de detalhes sobre sua vida que você não gostaria de ver divulgados ao público. E estou disposta a usá-los contra você a menos que desista desse trabalho.

Feita a ameaça, Caterine sentiu o fôlego lhe faltar. Respirou fundo com os olhos fixos nele e esperou uma resposta. Ela não tardou.

Matthew se levantou lentamente. Seu rosto parecia talhado em pedra.

— Você está perdendo seu tempo. Não recuarei em minha decisão.

— Você não tem escolha — ela respondeu. — Se não fizer o que estou dizendo, contarei a meu irmão tudo o que sei a seu respeito.

Matthew não respondeu de imediato.

— Chantagem é algo desprezível e perigoso. Não combina com você. — Ela sentiu que corava. Nesse ponto, ele tinha razão. — Sem dúvida aprendeu esse tipo de comportamento com Horácio.

A acusação foi tão ultrajante quanto um golpe. A sensação de desconforto desapareceu. Aquele homem era realmente detestável. Ele era o único responsável pelo caos emocional em que havia se transformado sua vida. O que estava fazendo com ele era pouco em comparação.

— Não, eu não aprendi isso com Horácio. Estou apenas usando o mesmo tipo de tática com a qual você está acostumado a lidar.

— Desista. Se você é aprendiz, eu sou mestre.

Ela não tinha nenhuma dúvida nesse sentido, mas ele que não pensasse que estava a salvo por causa disso.

— Não estou blefando. Sei tudo sobre você e tenho provas em meu poder. Evidências reais e concretas. Não terei escrúpulos em acusá-lo do charlatão que é.

Matthew estava com a mão sobre o trinco da porta quando ela terminou a ameaça. Sem demonstrar pressa, ele se virou e encarou-a.

— Está cometendo um grande erro. Não sou um bom perdedor. Aqueles que procuram brigas comigo acabam se arrependendo. E você não será uma exceção à regra, eu garanto.

Caterine jamais havia visto uma expressão tão impiedosa nos olhos de alguém. Era escura e ameaçadora. Contudo, em vez de lhe provocar medo ou raiva, despertou-lhe uma intensa excitação. Tinha certeza de que a luta seria muito divertida. Mal podia esperar por ela.

Matthew ainda continuou encarando-a por mais alguns instantes antes de inclinar a cabeça em despedida, como sempre fazia.

— Até daqui a pouco, lady Caterine. Veremo-nos durante o jantar.

Caterine só conseguiu pensar num remédio para relaxar os nervos após o encontro com Matthew Allenby: um banho de imersão perfumado com óleo de patchouli.

Anna, sua camareira pessoal, apressara-se a prepará-lo ao vê-la tremendo de raiva.

Agora, Caterine estava imersa até o queixo sob as bolhas, ouvindo Anna cantar em seu quarto

enquanto separava a roupa e os acessórios que ela usaria no jantar daquela noite.

Mas o canto não foi suficiente para distraí-la por muito tempo. Sua mente fervilhava. Não conseguia esquecer a altercação com Matthew Allenby.

Deslizou na banheira e mergulhou os cabelos ao mesmo tempo em que admirava o teto decorado com pinturas douradas de ninfas, conchas e golfinhos. De certa forma, estava perplexa com o que fizera. Deveria ter parecido uma gangster de um desses filmes de segunda categoria i

ao ameaçar arruinar Matthew e expulsá-lo de San Rinaldo. Mas que alternativa tivera? A ideia de trabalhar com ele era inadmissível.

Caterine suspirou. No início não imaginara a víbora que ele era. Seus caminhos raramente cruzavam dentro do palácio. E ela não sabia quase nada a seu respeito, exceto que trabalhava para seu irmão. Matthew Allenby apenas começou a interessá-la depois que Horácio lhe abriu os olhos.

Com os olhos pousados sobre uma das ninfas no teto, Caterine deixou que seus pensamentos voltassem até alguns meses antes quando ainda namorava Horácio.

Acreditava estar apaixonada por ele na época, mas agora não tinha mais certeza. Esquecera-o rápido demais para que fosse amor o que sentia. Mas gostara dele e não perdoava Matthew pelo modo com que o tratara.

Se Horácio não soubesse o que sabia sobre Matthew Allenby nada teria acontecido. Ele havia descoberto sobre as falcatruas, intimidações, chantagens e distribuição de propinas com que Matthew Allenby conduzia seus negócios, por meio de um amigo que havia trabalhado para ele.

— Seu irmão não poderia ter escolhido uma pessoa mais desonesta para assessorá-lo. Você precisa alertá-lo o quanto antes.

Ela se apressou a seguir o conselho de Horácio, mas o irmão não levou suas palavras em consideração.

— Não adianta vir a mim fazendo acusações sem prova. Mostre-me alguma evidência antes para que possamos conversar.

A partir daquele dia, Horácio se pôs ao trabalho no sentido de conseguir cartas suspeitas, fitas e fotografias. O combinado era que assim que ele reunisse provas suficientes, Caterine as apresentaria a Damiano.

A essa altura, Caterine não tinha nada de pessoal contra Matthew Allenby. Sua concordância em seguir com o plano de Horácio devia-se apenas ao amor que sentia pelo irmão.

O que nem ela nem Horácio sabiam era que estavam brincando com fogo.

O primeiro indício de que viriam problemas pela frente foi a interferência de Damiano em sua vida particular, algo que ele nunca tinha feito antes. Embora não acusasse Horácio especificamente, seu irmão começou a dizer que não o considerava adequado para ela.

Caterine não se importou, é claro, nem se calou diante da injustiça. E continuou a se encontrar com Horácio. Nada no mundo poderia prepará-la para a avalanche que despencou sobre ela. Sem prévio aviso, Damiano a chamou em seu escritório e lhe entregou uma lista de acusações contra o namorado.

— Ele é um mau-caráter. Não posso permitir que continue a vê-lo.

Caterine recusou-se a ouvi-lo. Como Damiano ousava fazer aquelas falsas acusações?

— Eu sei o porquê dessa perseguição! — gritou. — Você não o aprova porque ele é plebeu! Para mim, tudo, isso é irrelevante. Não vou deixar de vê-lo e você não pode me obrigar a isso! — A raiva foi tão grande que para se vingar do irmão ela disse algo que nunca lhe passara pela cabeça. — Talvez eu me case com ele em breve.

Ela nunca havia testemunhado uma explosão como aquela.

— Desista! Enquanto eu viver, não se casará com aquele ou com qualquer outro crápula.

Se a ordem não bastasse, Damiano cortaria sua mesada.

Chocada, Caterine saíra correndo do escritório entre lágrimas e gritos.

— Não me importo! Continuarei encontrando Horácio! Era uma questão de princípio. Se Damiano era um cabeça-dura, ela também o era. Não permitiria que o irmão mandasse em sua vida.

Mas Horácio não concordou com sua decisão.

— Não posso deixar que você se sacrifique por mim. Minha consciência não me daria paz.

Para piorar a situação, Horácio estava desempregado e sem muitas esperanças de arrumar outra colocação. Damiano não havia perdido tempo em espalhar a notícia de que ele era uma persona non grata no palácio.

No prazo de uma semana, Horácio deixou San Rinaldo, apesar das súplicas de Caterine para que ele ficasse menos o tempo suficiente para limpar seu nome.

— Não há mais futuro para mim em San Rinaldo. Prefiro sacrificar meu bom nome a lhe causar constrangimento.

Aquele fora o fim de seu romance.

Com o passar do tempo, porém, ela descobriu a odiosa verdade. Damiano não a proibira de namorar Horácio por ele ser um plebeu, pois ele deu permissão ao irmão Leone, logo após o infeliz episódio, para se casar com uma garota americana. O motivo tinha outro nome. Matthew Allenby.

Ele provavelmente havia descoberto os planos de Horácio e de Caterine e decidira dar o golpe primeiro.

De posse dessa informação, ela pensou em obrigar Matthew a se retratar perante Damiano. Mesmo que fosse tarde demais para reatar seu romance com Horácio, queria que a justiça fosse feita. Seu plano, porém, deu em nada, pois Matthew havia partido para os Estados Unidos e quando retornou, um mês após, ela quase não se lembrava mais do incidente.

O que mais a aborrecia era Matthew ter sido o responsável pelo abalo na relação entre ela e Damiano. Apesar de sertloze anos mais velho, Damiano e ela sempre haviam se entendido. Além de ser seu irmão, Caterine o considerava seu melhor amigo e confidente. Depois do afastamento de Horácio, contudo, a amizade e a confiança haviam sido substituídas pela raiva e pelo silêncio.

Ela sentia muito a falta do apoio e do carinho de Damiano. Com sua maldade, Matthew Allenby havia arrancado de seu coração o que ela tinha de mais precioso. Havia perdido a conta das vezes em que sonhara que estava se vingando do que ele fizera. Condições para isso não lhe faltavam. Antes de ir embora, Horácio havia entregue todas as evidências conseguidas para a irmã.

O caráter de Caterine, porém, não admitia um comportamento tão baixo. Não acreditava que as vinganças realmente pudessem trazer alguma felicidade. Além disso, não tinha a menor vontade de fazer favores a seu irmão. Se ele queria ter um oportunista entre suas amizades, ele que se cuidasse.

Depois de muito refletir, Caterine decidiu que a melhor e mais simples estratégia seria agir como se o inglês não existisse. Talvez tivesse conseguido empregá-la com sucesso se nunca mais o visse. Mas cada vez que o encontrava, sentia prazer em enfrentá-lo e em se portar da maneira mais desagradável possível.

O assunto Horácio, entretanto, nunca mais voltou à baila. Ela tomou todas as precauções nesse sentido. E tinha certeza de que os encontros continuariam a acontecer naquele clima de frieza e hostilidade se os negócios sobre a Bardi não os tivesse aproximado.

— Milady! — a camareira bateu à porta e chamou-a.

— Sim, Anna. O que foi?

— São sete horas. Devo chamar o cabeleireiro?

— Sim, Anna, obrigada. Você é um amor. Diga a ele que estarei pronta para recebê-lo em dez minutos.

Caterine se levantou da banheira com um sorriso nos lábios. O banho e as reflexões haviam lhe desanuviado a mente. Estava pronta para fazer o que devia fazer com Matthew Allenby. Ele teria uma surpresa aquela noite.

O que foi mesmo que ele havia dito? Que ela acabaria se arrependendo por tê-lo como adversário? Isso ele veria!

Capítulo 3

Seja bem-vindo, sr. Allenby! Venha 'comigo. Quero lhe apresentar algumas pessoas.

Ao ver Matthew vestido com um terno de corte impecável, no hall da Prefeitura de Rino, que já estava repleto com as mais importantes personalidades locais, Caterine se encaminhou para ele. Ninguém que visse o lindo sorriso em seus lábios poderia suspeitar de que ela estava com os dentes cerrados.

Apenas Matthew, é claro.

— Boa noite, lady Caterine. — Ele retribuiu o sorriso e sustentou-lhe o olhar enquanto fazia uma mesura.

Ninguém poderia adivinhar tampouco que ambos estavam se divertindo com o desafio. Após a discussão daquela tarde, a briga se tornara patente. O pior era que ambos estavam determinados a vencê-la.

A Prefeitura de Rino era imponente mesmo em dias comuns. Havia sido construída no século dezoito como lar de um rico nobre. A escadaria de mármore com corrimãos dourados, o teto alto e abobadado e os maravilhosos afrescos que adornavam as paredes eram testemunhas da opulência de seu antigo proprietário. Naquela noite, entretanto, o local estava ainda mais glorioso graças, em parte, às jóias que enfeitavam as convidadas.

Caterine estava usando um vestido de baile azul que emprestava a seus olhos a profundeza do mar e o céu em noites de verão. Como adorno, escolhera um colar de diamantes que havia pertencido à avó e um par de brincos também de diamantes, que ganhara em seu vigésimo-primeiro aniversário. Eram jóias delicadas e belíssimas, suas preferidas para as ocasiões de gala. No dia-a-dia, o conforto das roupas esportivas lhe parecia muito mais atraente.

Como inevitavelmente acontecia nessas ocasiões em que as pessoas a cercavam e festejavam por ser irmã do duque, Caterine estava se sentindo como uma atriz representando um papel. Em geral detestava essa sensação, mas não naquela noite perante Matthew Allenby. E por uma única razão. Naquela noite ela precisaria demonstrar cordialidade a seu acompanhante. Teria de sorrir para ele e fitá-lo com interesse. Olhares zangados e palavras ríspidas eram proibidos. Em resumo, era seu dever fazer os outros pensarem que estava se divertindo.

— Permita-me lhe apresentar o sr. Gherardi, nosso prefeito — ela disse com uma expressão que apenas Matthew entendeu. Significava que ele estava começando a subir a escada social que o levaria a conviver ainda mais com os ricos e poderosos, apesar de não pertencer àquele mundo. —E este é o conde Ricardo — ela prosseguiu -, o dono daquele magnífico castelo à entrada de Rino. — Conde Ricardo e eu já nos conhecemos — Matthew informou-a ao mesmo tempo que apertava a mão do outro. O conde e eu gostamos de velejar. Recentemente, aliás, tive o grande prazer de passar um excelente fim de semana em seu iate.

"Que belo passatempo para um alpinista social!", Caterine pensou. Ao menos Matthew Allenby tinha bom gosto. Talvez gostasse também de jogar ou assistir a partidas de pólo.

No decorrer da noite, para surpresa de Caterine, ficou óbvio que Matthew Allenby não era o ignorante que ela imaginava. Ele parecia conhecer todos os membros mais importantes da sociedade de Rino.

— Você não perde tempo no que se refere a procurar as amizades certas, hem? — ela murmurou assim que surgiu uma chance.

— Não sou homem de desperdiçar as oportunidades — Matthew respondeu com um olhar divertido, pois já estava acostumado com aqueles tipos de comentários por parte de Caterine. — Mas o que fiz não foi nada em comparação com o sucesso desta noite. A última meia hora em sua companhia valeu ouro.

— Fico feliz em ter sido útil — ela ironizou. -- Agora as probabilidades serão ainda maiores de você cavar outros convites para fins de semana a bordo de iates luxuosos.

— Você tem razão. Sua ideia foi excelente. Não devo perder nenhuma oportunidade. — Naquele instante as portas internas foram abertas e o jantar foi anunciado. Conforme as pessoas começavam a se dirigir para o salão, Matthew deteve-se e fitou-a. — Não estamos esquecendo algo? — Ele ofereceu o braço. — Acho que devemos obedecer aos ditames da etiqueta.

Ele estava certo, é claro. Apesar de relutante, ela não teve escapatória. Apoiou a mão na curva do braço de Matthew e se esforçou para não sentir o calor que ele lhe transmitia.

— Não pensei que você conhecesse as regras da etiqueta — ela disse, sem poder evitar o sarcasmo.

— Qualquer um que esteja determinado a galgar a escala social precisa estar familiarizado com os procedimentos.

O salão onde seria oferecido o jantar era deslumbrante.

Os lustres de cristal eram imensos. Quadros famosos enfeitavam as paredes e todo o ambiente parecia estar mergulhado em glamour e sofisticação. Os espelhos venezianos ao fundo davam o toque final no sentido de refletirem as luzes e os dourados.

Até mesmo Caterine, que estava acostumada a viver em ambientes magníficos, pois o Palazzo Verde era uma das residências mais lindas da Europa, deixou que seus olhos percorressem o local por um momento.

Ela estava pensando que qualquer ser humano normal ficaria impressionado ao entrar num lugar como aquele. Menos Matthew. Um dos truques mais empregados pelos oportunistas era fingir que o luxo não era novidade em sua vida.

Ao chegarem a seus lugares à mesa, Matthew esperou que um dos garçons puxasse a cadeira para Caterine. Só depois que ela se sentou, ele se permitiu fazer o mesmo.

Matthew nunca trocava as mãos pelos pés, Caterine pensou irritada. Ele nunca parecia desconfortável ou constrangido. Era impecável e elegante em todas as situações e circunstâncias, como se estivesse acostumado a freqüentar as altas rodas desde o berço.

Ela se virou para ele com um sorriso nos lábios.

— Você parece levar a sério o refinamento.

— Sim, eu levo — ele concordou. — Fiz um curso por correspondência de etiqueta social, caso você queira saber. Aprendi as lições básicas que incluem o uso correto de talheres à mesa e também as lições mais adiantadas que tratam de situações mais específicas e delicadas como acompanhar uma lady num jantar formal e não cair em desgraça derramando vinho sobre o smoking alugado.

Caterine percebeu que ele estava tentando diverti-la mas recusou-se a compartilhar de seu

humor.

— Ninguém pode dizer que você não luta pelo que quer. É um homem espantosamente obstinado.

— Essa é a única maneira de alcançar um objetivo: sendo devotado a ele. Eu acredito na força do pensamento.

Não era difícil entender o que Matthew estava afirmando. A força de que ele falava estava escrita em seus olhos e na linha firme dos lábios.

Por um instante ela sentiu um misto de admiração e de tristeza. Admirava a tenacidade. Se Matthew estivesse empregando sua inesgotável fonte de energia a um objetivo honesto e digno, ela o respeitaria e seria a primeira a apoiá-lo. Era deprimente que um homem jovem e sagaz como ele estivesse se afundando na ilegalidade.

De repente, Caterine sentiu a curiosidade invadi-la.

— Que objetivo é esse, afinal, que você persegue com tanta garra? — Ela sabia que Matthew era um homem ambicioso, mas talvez fosse interessante ouvir algo mais concreto.

— Você está se referindo a meus planos a curto ou a longo prazo? — ele indagou. — A longo prazo, confesso que meus planos são extensos, mas se estiver falando sobre o que pretendo fazer nas próximas horas, eu lhe direi que gostaria simplesmente de desfrutar da companhia de uma linda jovem neste jantar.

— Que amável!

O comentário deveria soar irônico, mas, por alguma razão, Caterine sentiu uma estranha emoção ao ouvir aquelas palavras e notar o modo com que Matthew estava fitando-a. Ela nunca havia reparado nos olhos dele antes. Eram extraordinariamente sensuais. Embora parecessem cinzentos de longe, de perto eram verde-escuros. Uma garota poderia perder-se dentro deles.

O pensamento encheu-a de pavor. De onde ele viera? Era essencial expulsá-lo de sua mente.

— Quanta gentileza de sua parte!

— Eu fui sincero — Matthew afirmou. — Você está realmente encantadora esta noite.

— Talvez porque estou tranqüila ou então porque estou refletindo o efeito de sua companhia relaxante.

— Acha? Enquanto falava, Matthew apoiou a mão sobre a mesa.

Ela não pôde evitar examiná-la. Tinha um fraco por mão.

Por mãos masculinas, é claro. E as de Matthew eram fortes e bonitas.

Mais uma vez Caterine precisou afastar o pensamento. O que havia de errado com ela? Primeiro foram os olhos de Matthew que lhe chamaram a atenção de um modo incomum, agora eram as mãos. Teria enlouquecido?

— E quanto aos planos para o futuro? Você comentou que eles são extensos. Gostaria de me dizer quais são?

— Todos?

— Os mais importantes. Estou curiosa. Matthew se recostou na cadeira e sorriu.

— Quero ser o melhor arquiteto da Europa para começar.

— Apenas da Europa?

— Acha pouco? Ela deu de ombros.

— Você já não é o melhor? Matthew ignorou a ironia.

— Agradeço a gentileza, mas, infelizmente, ainda não cheguei a esse ponto.

— Oh, sim. Eu estava me esquecendo de sua famosa modéstia. Bem, além de tornar-se o melhor arquiteto da Europa, quais são as outras metas de sua vida?

Matthew não parava de pensar em Caterine enquanto falava. Ela era linda e sabia ser encantadora quando queria. Seria maravilhoso conhecê-la melhor, algo que ele estava determinado a tentar. Na última meia hora ao lado dela, inclusive, uma ideia começara a tomar forma em sua mente.

— Quero me casar um dia.

— Com uma jovem condessa?

— Não necessariamente.

— Então com a filha de um conde? — Caterine fez uma pausa. Todos comentavam sobre o relacionamento de Matthew com Claire, a glamourosa filha do conde Jean de Pliey. Caterine não a conhecia mas vira a foto dela. — Com a linda Claire, para ser mais explícita?

Caterine ainda não havia terminado de formular a pergunta e já estava surpresa consigo mesma. Não era de seu feitio intrometer-se na vida alheia. Por um motivo que não saberia explicar, contudo, sentiu-se mais segura, mais distante daquelas mãos e daqueles olhos. Além disso, com Matthew era diferente. Não havia regras entre eles.

— Nunca pensei em me casar com Claire.

A quem ele estava tentando enganar? Um homem como Matthew Allenby daria o braço direito para se casar com um membro da aristocracia francesa! Mas que ele sabia fingir desinteresse como ninguém, era impossível negar.

— Aliás, estou surpresa que Claire não esteja aqui com você esta noite.

— Está? — Mais uma vez ele demonstrou indiferença.

— Sim, estou. Os convites foram endereçados aos participantes da concorrência e também a seus colaboradores e amigos.

— Claire tinha outro compromisso.

O tom de voz foi normal e não deu nenhuma indicação de pesar. A jovem aristocrata francesa parecia não significar nada mais para Matthew do que uma arma para sua ascensão social. Não havia amor entre eles. Isto é, ao menos da parte de Matthew.

Uma sensação incômoda invadiu-a. Matthew usava as pessoas a seu bel-prazer.

— De vez em quando é bom variar — ele continuou dizendo. — Em vez de jantar com a filha de um conde, hoje estou me divertindo na companhia da irmã de um duque. Ambas são pessoas importantes e com quem poderei contar caso me esqueça de alguma regra de etiqueta. Tenho certeza de que você me chamaria a atenção se eu, de repente, começasse a comer com a faca em vez de usar o garfo.

— Claro que sim, mas você jamais cometeria um deslize. Deve ter estudado todos os livros de etiqueta que já lhe caíram nas mãos. — Ela fez uma pequena pausa. l — Deve ser estressante viver

ao seu estilo, sempre atento para causar uma boa impressão.

— Acha? — Ele ergueu uma sobrancelha. — Na sua opinião eu seria mais feliz se comesse com a faca?

— O que eu quis dizer foi que talvez você se sentisse melhor se fosse você mesmo.

— Fiel às origens?

— Sim, por que não? — A pergunta lhe despertou uma súbita curiosidade. Afinal, não sabia nada sobre as origens de Matthew. Ninguém parecia saber. Em suas raras aparições em revistas e jornais, pois ele detestava ser abordado por membros da imprensa, o que era surpreendente em relação a seu objetivo de vida, Matthew nunca mencionara sua família. Nem mesmo Horácio conseguira descobrir detalhes a esse respeito.

— Eu já ouvi várias histórias sobre Matthew Allenby. Alguns comentam que é filho de um presidiário. Outros que o pai é professor. Dizem também que ele não chegou a conhecer' o pai e que foi criado por uma tia solteira. Mas, qualquer que seja a verdade, ele teve o cuidado de ocultá-la. Deve ser tão indigesta quanto ele.

Caterine ouvira aquelas palavras e se calara sem saber se deveria ou não acreditar. A única certeza que tinha era que Matthew Allenby era um homem misterioso. Tanto seu passado quanto seu presente eram um enigma. Seria muito interessante conseguir descobrir os segredos que se escondiam por trás daqueles olhos.

Não, não seria! ela se corrigiu. Matthew Allenby não lhe interessava. Ela o desprezava e queria se ver livre de sua presença!

Como se tivesse lido seus pensamentos e se comprazesse em atormentá-la, ele disse:

— Estou muito contente por ter vencido a concorrência.

Quero fazer um brinde a nós. — Ele ergueu a taça de champanhe que o garçom havia acabado de lhe servir. — Que esta sociedade possa ser o início de um novo caminho para nós!

Caterine aceitou o brinde apenas porque as pessoas poderiam estar observando-os. Não haveria sociedade e o caminho seria mais curto do que ele esperava. Ela sorriu | consigo mesma. O caminho, aliás, já começaria a ser interrompido ao final da noite.

Mas antes haveria o jantar.

Foram servidos sete pratos, cada um mais delicioso do que o anterior: caviar, salmão fresco, faisão, trufas, entre outras iguarias da cozinha internacional. Os chefs que haviam sido emprestados do Palazzo Verde para dar brilho à ocasião foram chamados e aplaudidos.

Caterine, como os demais, apreciou imensamente a refeição. E não apenas a refeição. Para sua surpresa, estava adorando a companhia de Matthew.

Logo que o jantar foi servido, ela prometeu a si mesma que evitaria discussões ao máximo, mas como temia não poder se controlar por muito tempo, resolveu dedicar sua atenção aos outros convidados sempre que surgisse uma chance.

Foi obrigada a desistir de sua decisão. Em poucos minutos Matthew se tornou a atração da mesa. O que não era de admirar. Com sua inteligência e humor, ele conquistou a todos. Até ela se divertiu com as histórias engraçadas que ele contou no transcorrer da noite.

Matthew Allenby era dono de um charme capaz de virar a cabeça de qualquer mulher, Caterine

pensou. Quando olhava para ele, sentia-se fraca como se tivesse bebido champanhe.

Terminada a refeição, os garçons trouxeram café e licores. Após alguns discursos e aplausos, muitos convidados deixaram a mesa embora continuassem a conversar em pequenos grupos espalhados pelo salão.

Caterine decidiu que aquele seria o momento mais propício. Levantou-se também, pediu licença e se afastou em direção à cabeceira da mesa onde estavam duas pessoas com quem ela queria falar.

— Carla e Antônio, boa noite — ela cumprimentou. — Não, por favor não se levantem. Vim perguntar apenas se vocês gostaram do jantar.

— Foi maravilhoso, obrigada — Carla respondeu. —

Você não achou, Antônio?

— De primeira classe — Antônio afirmou. — Foi o melhor jantar em que já estive.

Caterine sorriu.

— Creio que meu irmão precisará dar um aumento aos chefs em recompensa. Eles merecem. Além disso, tenho certeza de que muitas pessoas passaram a cobiçá-los.

Havia um lugar vago ao lado de Carla. Caterine sentou-se.

— Há uma pergunta que eu gostaria de fazer a vocês, mas como o local não é propício para uma conversa mais reservada, estou pensando em visitá-los amanhã à noite.

Poderia ser?

— Será um prazer recebê-la em nossa casa, lady Caterine — Carla se apressou a responder. — Qualquer noite. Qualquer dia.

—Amanhã, então? Obrigada. Tentarei chegar por volta das oito. — Caterine inclinou-se sobre a mesa e baixou o tom de voz. — Trata-se de um assunto que Horácio...

Algo extraordinário aconteceu e Caterine precisou interromper o que dizia. Matthew havia surgido, de repente, às suas costas e estava obrigando-a a acompanhá-lo.

— Com licença — ele pediu a Carla e Antônio com voz suave e fria ao mesmo tempo. — A presença de lady Caterine é necessária em outra parte.

Caterine teve dificuldade em controlar a raiva. Sua vontade era soltar-se e agredi-lo. Mas não tinha escolha. Não podia dar um espetáculo. E Matthew estava se aproveitando da situação porque sabia disso.

Para dar a impressão de que estava se afastando com ele por sua própria vontade, ela disse:

— Sim, desculpem-me, por favor. Eu realmente preciso ir.

Por sorte Matthew a conduziu para trás de um biombo chinês, longe das vistas alheias. Assim que ele a soltou, ela se virou com o rosto em brasas.

— Por que fez isso? Perdeu o juízo?

Se esperava que ele fosse lhe pedir desculpa, enganou-se redondamente. Matthew parecia tão furioso quanto ela.

— Eu é que pergunto! O que está havendo? Por que procurou aquele casal?

Caterine não soube o que responder por um instante. Eles estavam diante de um quadro a óleo

que retratava a corte de Dionísio a Ariadne, uma cena que não poderia ser mais imprópria à ocasião. Em seguida ergueu o queixo e sustentou o olhar arrogante e detestável daquele que havia sido o responsável pelo momento mais humilhante de sua vida.

— Como se atreve a se portar como se fosse um homem das cavernas em relação a mim? — ela continuou.

Sem se importar com sua explosão, Matthew repetiu:

— O que estava falando com aquele casal?

— Nada. Eles são meus amigos. E você não tem nada a ver com minha vida!

— Chama aquelas pessoas de amigas?

— Sim.

— Não foi o que me pareceram.

— E quem lhe disse que eu estou interessada em sua opinião?

— Sei que não está, mas terá de me ouvir de qualquer

modo. Aquelas pessoas não servem para você. Elas não podem ser consideradas como amigas.

— Por que não? Você tem alguma coisa contra a classe média? É tão esnobe assim, sr. Allenby? Não quer que eu os considere amigos porque são pessoas comuns? Pois saiba que eu, ao contrário de você, não escolho minhas amizades de acordo com sua classe social.

— Não estou me referindo à classe social a que eles pertencem. Acontece que os conheço. Falta-lhe discernimento, milady. Deve aprender a conhecer melhor as pessoas.

Caterine se deteve. Ela não imaginava que Matthew realmente os conhecesse. Mas não tinha nada a esconder.

— Carla é irmã de Horácio e Antônio é o marido dela. Não há segredo algum. Não é da sua conta se eu decidi trocar uma palavra com eles.

— Talvez não. Quem os convidou? Foi você?

— O que é isso? Um interrogatório?

— Apenas responda minha pergunta. Você os convidou para este jantar?

Matthew deu um passo à frente enquanto falava e Caterine recuou.

— Sim. Por que quer saber? Já não basta o que fez com minha vida? Estou farta de suas interferências.

Matthew notou o brilho que surgiu nos olhos de Caterine, mas não soube interpretá-lo. Ela havia ficado emocionada com a lembrança de que, por causa dele, havia perdido a amizade e a confiança do irmão. Matthew, é claro, atribuiu-o a Horácio. O que ele temia era verdade. Caterine ainda não havia esquecido completamente o namorado.

— Ouça o que eu estou dizendo: aquelas pessoas não servem para você. Afaste-se delas. Elas pertencem a um capítulo encerrado de sua vida.

Caterine olhou para Matthew e descobriu o que ele estava pensando. Sentiu vontade de rir. Ele acreditava que ela continuava apaixonada por Horácio. Permaneceu séria, contudo. Era melhor deixar que ele continuasse a pensar assim. Enquanto isso, ela iria em busca das provas contra ele que

Horácio deixara no cofre da irmã.

Sorriu consigo mesma. Breve, muito breve, ela lhe daria o troco.

Caterine voltou para o palácio perdida em pensamentos. Após um formal e sério boa-noite para o motorista, sem o costumeiro sorriso que o acompanhava, ela subiu para seus aposentos.

Anna já havia se recolhido, mas deixara sua cama arrumada e o abajur aceso sobre a mesa de cabeceira. Ela tirou os sapatos e o vestido, alongou o corpo e bocejou. Tinha muito o que pensar. Fora uma noite diferente e surpreendentemente agradável apesar de sua disposição em contrário. E do comportamento inesperado de Matthew. Nenhum homem havia tomado aquele tipo de liberdade com ela antes.

A expectativa da visita à irmã de Horácio também a entusiasmava. Logo ela teria em mãos as provas que selariam o destino de Matthew.

Ela retirou a maquilagem e se deitou entre os lençóis de seda. Nada poderia ser tão conveniente quanto Matthew pensar que ela continuava apaixonada por Horácio. Isso impediria que ele suspeitasse de seus planos.

Provavelmente ele contaria a Damiano sobre suas desconfianças, mas isso não a preocupava, pois ela também pretendia procurar o irmão e esclarecer os fatos de uma vez por todas.

Olhou, por um instante, para o dossel de seda azul acima da cama e riu ao se lembrar de como achara ridícula a suspeita de Matthew de que ela continuava envolvida por Horácio. Talvez estivesse sendo cruel, pois gostara de Horácio, mas a verdade era que não sentia mais nada por ele há tempos.

Sabia a razão disso. Horácio a deixara com muita facilidade, dizendo que seria para seu bem, quando o que ela queria era que ele ficasse e lutasse. O rompimento a magoara mais nesse sentido. A partir daquele dia decidira esquecer o amor e os homens.

Mas nem todos os homens eram como Horácio. Havia aqueles que pareciam ser feitos de aço. Como Matthew.

Aqueles olhos escuros e arrogantes surgiram em sua mente. Matthew não a teria abandonado. Ele teria ficado e lutado por ela. E vencido, no final, pois quando queria algo valia-se de todas as armas.

Caterine suspirou ao pensar em como seria maravilhoso se um homem como Matthew lutasse por ela.

Mas o que estava acontecendo? Havia perdido o juízo outra vez? Ela detestava Matthew Allenby!

Desligou o abajur como se isso fosse ajudá-la a se desligar dos pensamentos que fervilhavam em sua mente. Mas eles se recusaram a ser afastados. Enquanto ela dormia, se transformaram em sonhos.

Capítulo 4

Quando Matthew chegou em sua vila, encontrou três mensagens na secretária eletrônica, uma era do duque, pedindo que ele o encontrasse na manhã seguinte às nove horas. As outras duas eram de Claire, insistindo para que ele ligasse imediatamente para ela em Paris.

Após consultar seu relógio de pulso, Matthew decidiu que o horário não era propício. Era tarde demais para ouvir recriminações e ele não estava com disposição para falar com outra mulher aquela noite, depois de ter estado em companhia de Caterine.

Ele queria se concentrar na imagem dela e no outro objetivo de sua vida que resolvera acrescentar à sua lista.

Na manhã seguinte, quando chegou a seu escritório no palácio, eram oito e trinta. Ligou para o apartamento de Claire em Paris, mas ninguém atendeu. Era cedo para Claire ter saído. Talvez ainda dormisse. Decidiu que ligaria novamente, assim que terminasse sua reunião com o duque.

— Bom dia — o duque cumprimentou ao vê-lo e foi direto ao assunto que o preocupava. — O que deu em Caterine ontem à noite? Quer dizer que ela está em contato com aquela gente outra vez?

Matthew tinha quase certeza de que Damiano iria falar sobre a irmã. Não 'Sc enganara.

— Sim, infelizmente.

Matthew se acomodou numa das cadeiras estofadas de couro que se achavam dispostas em semicírculo na frente da escrivaninha do duque. Estava usando um terno azul Savile Row impecável. Os sapatos eram da Lobbs, sem dúvida, a camisa da Jermyn e a gravata de seda da Hermes. No entanto, quem o visse diria que estava completamente à vontade. Apesar de que não era a roupa o que mais chamava a atenção em Matthew Allenby, e sim o magnetismo de sua personalidade.

Era a essência daquele homem que impressionava, não seu aspecto exterior. Estivesse vestido com uma calça jeans e uma camiseta, o efeito seria o mesmo.

Se alguém entrasse no escritório naquele instante, por exemplo, teria dificuldade em identificar o duque, pois ambos pareciam iguais no relacionamento e na postura. Não havia formalidade entre eles. Pareciam simples amigos.

— O que você acha que ela está tramando? — o duque continuou. — Acredita que esteja querendo voltar com o sem-vergonha do namorado? f,

Matthew Mentiu uma pontada no peito. Era o que ele também temia.

— Não estou descartando a possibilidade.

— Droga! — Damiano praguejou. — Quando ela irá aprender? Ainda bem que você estava atento ontem à noite.

Matthew encolheu os ombros.

— Foi um impulso. Não gostei de vê-la conversando com eles. — Ele estava escolhendo as palavras com cuidado. — Quaisquer que sejam suas razões para procurá-los, não lhe fará bem uma reaproximação.

— Claro que não — Damiano afirmou. — Eu já disse a ela milhares de vezes. Não é apenas por ela fazer parte da realeza, mas porque eles não servem como amigos. Não admitirei ter o nome dos

Montecrespi manchado por uma associação com aquele tipo de gente.

Damiano olhou para Matthew.

— Você acha que ela entendeu o recado ou que insistirá em encontrá-los?

— Não tenho certeza.

Matthew sabia que não estava sendo muito útil ao duque, mas ele tinha duas fortes razões para ser reticente. A primeira era que não gostava de falar sobre Caterine com Damiano. O fato de ter se envolvido entre ela e o namorado fora ditado pela necessidade. Não tivera escolha. Qualquer um em seu lugar teria feito o mesmo.

Não estava evitando ajudar Damiano por achar que ele estava errado. Seus próprios sentimentos com relação ao assunto eram muito próximos aos dele. O problema era que ele havia agido por impulso pessoal na noite anterior, não por dever. Na verdade, estava bastante irritado por terem relatado o incidente ao duque. Ele não teria dito nada.

A segunda razão era diferente. Tinha algo a ver com uma suposição que ele preferia guardar para si mesmo. Caterine havia afirmado que possuía uma evidência contra ele e que pretendia usá-la. A afirmação não chegara a convencê-lo, mas o deixara alerta. Talvez a resposta estivesse com a irmã de Horácio.

Se fosse esse o caso, seria melhor que Damiano ficasse fora do assunto, ao menos até que ele o resolvesse.

Por sorte, Damiano entendeu a posição de Matthew.

— Ok. Não farei mais nenhuma pergunta. Você é meu arquiteto, não meu espião. Desculpe, mas é que essa situação me aborrece. — De repente o duque sorriu e mudou de assunto. — Então você venceu a concorrência e arrebanhou o contrato com a Bardi? Meus parabéns. Já pensou como será trabalhar com minha irmã?

— Um desafio.

Ele poderia ter acrescentado que seria um desafio que ele pretendia tornar um triunfo pessoal, mas preferiu guardar segredo de seus planos.

— Acho que sou a última pessoa que ela desejaria que ganhasse — Matthew desabafou.

— Quer dizer que ela continua zangada com você? Garota tola — Damiano murmurou. — Mas acabará mudando de ideia quando aprender a conhecê-lo.

— E o que espero.

Em seguida, a conversa tomou rumos mais profissionais. O duque fez comentários sobre seus planos para a construção de um centro cultural e artístico na cidade e vários projetos arquitetônicos foram discutidos. Era quase hora do almoço quando Matthew voltou para seu escritório no centro onde normalmente passava suas tardes.

— Bom dia, sr. Allenby — a secretária saudou-o com um sorriso.

— Bom dia, Julia. — Ele retribuiu o sorriso. — Correu tudo bem enquanto eu estive fora?

Não que ele tivesse dúvidas. Sua secretária holandesa, fluente em cinco idiomas, era a eficiência personificada. Feita a pergunta, ela transmitiu meia dúzia de recados, inclusive um da secretária de lady Caterine marcando uma reunião às três horas naquele escritório.

— Excelente — ele agradeceu e sorriu.

Então, quando estava entrando em sua sala, Julia deu o último recado.

— Mademoiselle Claire ligou várias vezes. Pediu que você telefonasse assim que pudesse.

— Certo. Ligarei agora mesmo.

O sorriso havia desaparecido do rosto de Matthew. Seus dedos estavam rígidos ao pressionar as teclas do telefone. Mas a ligação não foi completada, assim como acontecera de manhã cedo.

Matthew recolocou o fone no gancho e seu olhar se perdeu no vazio por um instante. Seu romance com Claire estava se tornando uma dor de cabeça. Precisava colocar um ponto final no problema de uma forma ou de outra. E logo.

Caterine havia refletido muito e decidido que não havia outra solução no momento exceto sorrir e concordar com o que o destino lhe reservara.

Ou melhor, suportar o que o destino lhe reservara! Ao menos seu sofrimento seria breve. Naquela noite teria em mãos uma prova definitiva contra Matthew e a colocaria sobre a mesa de Damiano!

Por mais que quisesse, seria impossível evitar o encontro com ele às três horas. Fazia parte do contrato. Ela e o vencedor deveriam se reunir no dia seguinte à assinatura do documento para discutirem o projeto. E como ela teria outros assuntos para resolver na cidade, seria mais fácil encontrar Matthew em seu escritório do que pedir para que ele viesse ao palácio.

Sua pontualidade foi britânica. Estava determinada a agir de forma puramente profissional. Não queria dar nenhum motivo para que Matthew a tratasse com ironia. Antes, porém, que a secretária pudesse avisá-lo sobre sua chegada, ela abriu a porta. — Boa tarde, sr. Allenby.

Ela se deteve ao notar que ele não estava sentado à escrivaninha, mas sim de pé, junto à janela, examinando um slide.

— Boa tarde, lady Caterine. Permita-me dizer que está linda como sempre.

Caterine franziu o cenho. Sem sequer tentar, Matthew havia conseguido estragar o efeito de sua entrada.

Pouco a pouco, porém, algo estranho aconteceu e ela se viu presa ao olhar daquele homem que não saía de seu pensamento desde a noite anterior.

Matthew notou a,reação de Caterine e sentiu-se muito satisfeito. Ela ia maravilhosamente ao encontro de seus planos. Não que ele tivesse muitas ilusões. Sabia que tinha um longo caminho a percorrer. Mas ele não tinha pressa. Quando alcançasse a vitória, seu esforço seria recompensado.

Matthew se dirigiu à mesa e colocou o slide sobre uma pilha de papéis.

— Trata-se de um projeto que concluí há alguns meses. É sempre interessante ver o resultado por meio da lente de um fotógrafo.

Caterine estava confiante agora. Não havia nada de errado com ela. Estava muito cansada na noite anterior. Aquelas fantasias tolas sobre Matthew não tinham nenhuma importância.

— Ficou satisfeito com o que viu? — ela indagou.

— Sim. O cliente gostou muito e isso me deixou satisfeito. A frieza com que ele falava a enlouquecia. E também o modo com que a fitava.

— Imagino que deixe todos seus clientes satisfeitos. Mal ela havia dito as palavras, desejou afundar no chão. "O comentário poderia sugerir uma segunda intenção e ela não estava disposta a ouvir gracinhas.

— Esforço-me para isso — ele respondeu com um sorriso, mas logo ficou sério ao perceber o constrangimento que se apoderara de Caterine. — De que adianta eu ficar satisfeito com um projeto se o cliente não estiver?

Caterine reconheceu que Matthew havia sido um cavalheiro e que merecia ser tratado com consideração, mas ela não agradeceu pelo que fez. Ao contrário. Estava muito zangada com a atitude dele. Como Matthew podia ser tão controlado?

— Você nunca falhou? — ela indagou subitamente.

— Acho que não e espero que isso nunca aconteça. Caterine fitou-o, surpresa. Então ele não se considerava infalível nem perfeito!

— Nesse caso, sr. Allenby, peço que escolha seu substituto com cuidado. Não gostaríamos que ele comprometesse a obra, certo?

Ela suspirou, aliviada. Agora estava mais segura de si. Preferia discutir com Matthew a sentir aquelas emoções estranhas quando o fitava.

— Substituto? — ele indagou. — A que substituto está se referindo, lady Caterine?

— Você sabe. Eu já disse que não tenho a menor intenção de trabalhar a seu lado e também já o preveni sobre a atitude que terei de tomar caso tente se recusar a abandonar o projeto.

Ele fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— Percebo que faz questão de enlamear meu nome e de me expulsar da cidade. Devo lhe dizer que a perspectiva não me atrai.

Ele se levantou e sorriu de um modo enigmático. Deu um passo para trás em seguida.

— Por que não se senta? — Ele indicou as três poltronas que se encontravam diante da escrivaninha. — Poderíamos discutir este pequeno problema com mais conforto.

— Não há o que discutir — ela retrucou. — Eu fui bem clara. — Assim mesmo, Caterine se sentou e se distraiu, por alguns segundos, com a vista espetacular da baía azul de Rino sob o sol da tarde. Depois, ela examinou rapidamente o escritório. Ele não era grande, mas sua decoração era primorosa. — Seu escritório é muito agradável conta com a melhor vista da cidade, eu presumo. — Caterine se deteve. — Seria uma pena se você tivesse de abrir mão dele.

— Realmente — Matthew concordou.

Em vez de ocupar seu lugar atrás da escrivaninha, Matthew surpreendeu-a sentando-se ao lado dela.

— Gosto muito daqui — ele prosseguiu. — Não tenho planos de ir embora. Aliás, eu acabei de redecorá-lo.

Ele se recostou na poltrona e esticou as pernas para depois cruzar os tornozelos.

— Talvez devêssemos abandonar as formalidades. Afinal já estamos trabalhando juntos. Por que não me chama de Matthew apenas e eu a chamo de Caterine?

Caterine não esperava por aquele tipo de proposta. Ela era a primeira a não querer que as

pessoas a tratassem com deferências especiais. Todos os amigos e colegas dos institutos de caridade chamavam-na simplesmente de Caterine. Mas com Matthew Allenby era diferente. Ela preferia mantê-lo a distância. Sentia-se mais protegida com uma barreira entre eles. Mas, certamente, não podia ser franca.

— Como você quiser. Para mim não faz diferença. Ele assentiu com um movimento de cabeça sem parar de fitá-la.

— Quanto a sua exigência de eu transferir a execução do projeto a um de meus empregados, espero que entenda que não terei condições de atendê-la do dia para a noite.

Caterine ficou sem fala. Aquilo significava que ele havia concordado em se afastar da Bardi? Um alívio imenso a fez suspirar. Não precisaria mais se preocupar. Matthew deveria ter refletido e chegado à conclusão de que ela estava falando sério quando o ameaçara.

Com cautela para não demonstrar sua euforia, Caterine fitou-o.

— De quanto tempo acha que precisará para se organizar? Ele entrelaçou os dedos e apoiou o queixo sobre eles.

— De uma semana no mínimo. Terei de ir a Londres depois de amanhã. Creio que poderei tomar as devidas providências mesmo de longe.

Uma semana parecia tempo demais, mas se ele estaria em outro país não haveria problema.

— Quando pretende voltar?

—A tempo para a festa de aniversário do duque. Trarei comigo meu substituto ou estarei pronto para indicá-lo.

Os argumentos de Matthew pareciam aceitáveis. A festa íntima de Damiano que precedia a recepção ao ar livre seria realizada em pouco mais de uma semana. De alguma forma ela encontraria forças para aguardar até lá.

Um peso parecia ter sido tirado de suas costas, mas Caterine ainda fez questão de frisar:

— Ok. Será como você disse, mas não tente me tapear. Eu realmente levarei minhas ameaças em frente, se for preciso.

— Prometo que não tentarei nada.

A hora seguinte foi empregada no planejamento da obra e na preparação de uma agenda para reuniões com empreiteiros e decoradores. Foram sessenta minutos apenas, mas renderam muito, principalmente porque Matthew já havia tratado dos assuntos básicos. Era preciso admitir que ele era um profissional como poucos.

Matthew guardou os papéis, por fim, e olhou para ela.

— Que acha de uma xícara de café?

— É uma boa ideia.

— Volto num minuto. — Ele se levantou. — Julia saiu para resolver um assunto, mas há um bar aqui perto.

Caterine acompanhou-o com o olhar até que ele se afastasse. Sentia-se surpreendentemente relaxada. Eles haviam se entendido tão bem na última hora que ela estava quase lamentando o fato de que não trabalhariam juntos durante todo o projeto. Matthew era uma pessoa dinâmica e

experiente. Conhecia seu trabalho a fundo e tinha o extraordinário talento de transmitir seus conhecimentos com entusiasmo. Deveria ser excitante trabalhar a seu lado.

Por outro lado, Matthew era desconcertante. Ele conseguia despertar tanto seu negativismo quanto seu otimismo. Uma energia secreta a inundava quando ele se aproximava. Matthew Allenby era sua adrenalina. Ninguém a fazia se sentir tão viva.

Naquele instante o telefonou tocou e Caterine atendeu após uma ligeira hesitação. Se fosse importante, ela poderia anotar o recado.

— Alô? Escritório do sr. Matthew Allenby.

No minuto seguinte Caterine já estava arrependida por sua boa ação. Uma sensação incômoda se apoderou dela ao ouvir uma voz feminina irritada, com sotaque francês.

— Monsieur Allenby, por favor.

— Sinto muito, mas o sr. Allenby não se encontra aqui no momento. Gostaria de deixar recado?

— Ele não está? Aonde foi?

— Precisou sair por um instante. Não deverá demorar. Devo pedir que ele retorne a ligação?

— Sim, peça que ligue para Claire.

A ligação foi interrompida e Caterine ficou olhando para o aparelho. Tinha certeza dê que era Claire assim que atendeu. Mas não tinha a menor ideia sobre a razão de estar se sentindo tão contrariada.

Matthew entrou na sala com dois copos descartáveis de café expresso. Ao vê-lo, ela finalmente conseguiu devolver o fone ao gancho. A disposição de poucos minutos antes, porém, havia desaparecido.

— Acabei de atender uma ligação de sua namorada francesa.

— O que ela queria?

— Falar com você, é claro — Caterine respondeu com raiva. Era absurdo, mas seu coração estava batendo tão forte que ela mal podia respirar.

Matthew não deu importância ao recado. Sentou-se calmamente em sua cadeira e tomou um gole de café. Em seguida pegou os papéis que havia colocado dentro de uma gaveta.

— Obrigado por atender em minha ausência. Caterine gostou da resposta. Ela havia sido, aliás, exatamente o que esperara ouvir e confirmara o que ela já havia pressentido na noite anterior. Matthew não estava apaixonado por Claire. Isso era óbvio. E lhe dava uma sensação de puro alívio, algo que seu bom senso se apressou a corrigir.

— Ela parecia aborrecida. Talvez você devesse retornar a ligação o quanto antes. Se quiser ficar sozinho, não me importo de sair da sala.

— Ligarei mais tarde — Matthew respondeu. — Tenho certeza de que não é nada de urgente.

O modo com que Matthew a fitou a fez sentir-se ainda pior. Era como se ela houvesse concordado em conspirar contra a mal-amada Claire. O pensamento a fez decidir. Precisava ir embora. Precisava se afastar dele e das estranhas emoções que estavam inundando-a.

— Você não está sendo gentil com Claire. Não a levou ao jantar ontem à noite e agora se nega a retornar sua ligação. Isso não é modo de tratar uma namorada.

Era impossível decifrar a expressão com que Matthew estava fitando-a. Ele não respondeu ao comentário. Quando tornou a falar, seu tom foi impessoal:

— Se quer verificar estes números comigo é melhor sentar-se. Se não quer, eu o farei sozinho mais tarde.

Ele não podia ter sido mais claro. Caterine corou até a raiz dos cabelos ao perceber que havia errado em tentar se intrometer entre Matthew e Claire. Sentou-se e prosseguiu com o trabalho por mais um quarto de hora, mas sem o entusiasmo de antes.

A julgar pelo modo taciturno de Matthew, ele também não estava se sentindo à vontade. Havia sido pego de surpresa pelas acusações de Caterine e não soubera como se defender. Teria respondido suas perguntas de bom grado caso seu envolvimento com Claire já estivesse resolvido. Mas a situação em que ele se encontrava era tão frustrante que acabou levando-o a reagir com uma certa hostilidade.

Terminada a checagem dos números, Caterine estava se preparando para ir embora quando o telefone tornou a tocar.

— Mademoiselle Claire está na outra linha — disse Julia já de volta ao escritório. — Posso passar a ligação ou você prefere chamá-la mais tarde?

— Diga a ela que eu retornarei o telefonema em cinco minutos — Matthew respondeu e desligou o interfone.

Caterine fingiu que estava procurando algo em sua bolsa. Em seguida começou a se dirigir à porta.

— Espere — Matthew pediu. — Eu quero que saiba que Claire não é mais minha namorada.

Ele não disse porque queria que ela soubesse do fato e Caterine não perguntou. Aliás, não poderia perguntar. Seu coração estava batendo com tanta força que ela não conseguia respirar. E a dificuldade se tornou ainda maior quando Matthew se aproximou e lhe segurou o queixo forçando-a a encará-lo.

— Todos nós cometemos erros. Faz parte da natureza humana. O importante é reconhecê-los e corrigi-los a tempo.

Ela sabia que Matthew estava se referindo ao envolvimento entre ela e Horácio. Por um instante sentiu raiva, más. o modo com que ele estava olhando dentro de seus olhos fez a raiva se transformar em mel.

— Você concorda comigo? — ele indagou.

— Não sei — ela respondeu com franqueza. — Preciso ir agora.

— Eu acompanho-a.

Ele chegou a dar um passo em direção à porta. Depois, porém, virou-se para ela e beijou-a.

Foi um beijo rápido. Seus lábios mal a tocaram. Mas ela nunca havia experimentado uma sensação mais intensa.

— Espero revê-la em breve — ela ouviu-o dizer como se estivesse muito longe. — Muito em breve.

Caterine sentiu que flutuava enquanto era conduzida por ele até o elevador. Deveria ter se despedido de Julia ao sair, mas não tinha certeza. Até que sua respiração voltasse ao normal havia

transcorrido mais de uma hora.

Durante todo o trajeto de volta ao palácio, Caterine não parou de se reprovar por sua fraqueza. Como permitira que algo tão monstruoso acontecesse? Matthew deveria tê-la enfeitiçado. Não havia outra explicação.

Pior que o beijo era a constatação de que ela não conseguia parar de pensar a respeito. Um sintoma ainda mais alarmante de sua fraqueza e loucura era o alívio que estava sentindo por causa do que Matthew dissera sobre Claire não ser mais sua namorada.

Por sorte a cura para sua loucura estava ao alcance de suas mãos. Em menos de uma hora ela estaria a caminho da residência de Carla e de Antônio para apanhar as provas que levaria diretamente a Damiano. Havia concordado em dar a Matthew o prazo de uma semana para que ele se retirasse do projeto. Estaria quebrando sua palavra, mas não se importava. Matthew não merecia consideração. Era um homem perigoso demais. Ela não estava disposta a se arriscar.

Uma hora mais tarde, contudo, os planos de Caterine foram por água abaixo. Carla e Antônio não se encontravam em casa segundo a informação da mulher que atendeu a campainha.

Caterine voltou para o carro, atônita e furiosa. Só podia haver uma explicação para o sumiço do casal. O nome era Matthew Allenby.

Ela ligou o motor. Estava decidida a fazer uma visita ao responsável pelo conveniente desaparecimento.

Seria a primeira vez que o procuraria em sua residência. Sabia o endereço. A vila de Matthew ficava no alto de uma colina sobre a baía de Rino. Diziam que era uma das maiores e mais bonitas da região e que estava cercada por um jardim imenso e magnífico.

Os jasmins que cobriam os muros perfumavam a noite, mas Caterine não se deu conta disso ao descer do carro e pisar com força sobre os cascalhos. A única coisa que chamou sua atenção foi o Jaguar prateado que se encontrava junto ao portão.

Tocou a campainha com impaciência. Alguns instantes depois, quando estava pensando em tocar outra vez, a porta foi aberta por uma mulher de vestido preto e avental branco.

— Quero falar com o sr. Allenby — Caterine disse, sem se apresentar.

Não teria sido necessário, de qualquer forma. A mulher a reconheceu de imediato e pediu que entrasse.

— Um momento, por favor. Verei se ele está disponível. Caterine entrou e a mulher fechou a porta. Enquanto esperava, ela pôs-se a andar de um lado para o outro do hall. Que Matthew não a fizesse esperar! Não em seu presente estado de espírito! f,

Ela estava tão zangada, aliás, que não teve condições de admirar as valiosas obras de arte que decoravam o ambiente. Havia esculturas raras, tapetes persas e diversos quadros famosos.

Por fim, quando ela já estava começando a pensar que teria de invadir a casa a fim de torná-lo disponível, Matthew desceu a escadaria de mármore.

— Que surpresa agradável! — ele exclamou com um sorriso. — Boa noite, Caterine.

A raiva desapareceu como num passe de mágica. Num piscar de olhos ela se viu novamente no escritório, sendo beijada por Matthew. Em vez de brigar, ela simplesmente retribuiu o sorriso.

— Boa noite — respondeu, esquecida do motivo de sua repentina visita.

Cada passo que ele dava, aumentava o ritmo de sua pulsação. De repente, tudo o que ela queria era se atirar nos braços dele e acariciar o peito que estava vislumbrando através da camisa desabotoada.

— Posso lhe oferecer algo para beber? — ele perguntou quando chegou bem perto dela.

— Um martíni, por favor.

Ele estava se virando para o bar quando ela pensou que fosse desmaiar. No topo da escadaria encontrava-se uma mulher quase nua.

— Oh, chéri, volte para a cama. Estou me sentindo muito só...

Capítulo 5

Um silêncio pesado caiu sobre eles. Matthew, que não havia percebido a entrada de Claire em cena até ouvi-la, virou-se e disse com a maior calma do mundo:

— Vá se vestir!

Caterine não poderia falar nem se quisesse. Estava hipnotizada pela visão da garota vestida apenas com uma calcinha de renda transparente e um sutiã da mesma cor e tecido.

Claire, entretanto, continuava agindo como se não tivesse notado a presença de Caterine. Seus olhos estavam fixos na figura de Matthew enquanto fazia uma pose, apoiada sobre o corrimão, comparável às encontradas nos calendários expostos em oficinas mecânicas.

— Venha, chéri — ela insistiu. — Volte para a cama. Caterine não podia acreditar em seus olhos. Matthew não deveria ter sangue nas veias para se manter impassível diante de uma cena como aquela.

— Vá se vestir, Claire — ele repetiu, desta vez com um tom ameaçador que a garota acabou entendendo. — Eu havia lhe oferecido um drinque, Caterine, se não me engano.

— Céus! Confesso que não esperava por um espetáculo desse tipo! — Caterine exclamou, incapaz de se conter.

— Nem eu — Matthew afirmou. — Vamos ao meu escritório? Lá poderemos tomar nossos drinques sem correrrmos o risco de sermos importunados. Caterine não se moveu do lugar.

— Tem certeza de que é isso que quer? Tive a impressão de que você deixou algo a ser concluído no andar de cima.

Agora ela entendia por que Matthew estava com a camisa desabotoada. Ele e Claire estavam fazendo amor quando ela chegou.

— Não se preocupe. Não há pressa. O que tenho a fazer pode ser resolvido mais tarde.

Caterine seguiu-o, por fim. Sabia que estava naquela casa por um bom motivo, mas não conseguia se lembrar qual era. Em sua mente só havia um pensamento. Matthew mentira. Ele e Claire continuavam juntos.

Ao entrar no escritório, Caterine hesitou. Não estava mais com vontade de conversar. Por outro lado, um drinque talvez a ajudasse a relaxar.

— Você pediu um martíni, certo?

— Sim, um martíni bem seco, por favor. Enquanto agitava a coqueteleira, Matthew a convidou para sentar e ela não esperou que ele repetisse a oferta. Sentia-se trêmula ainda.

Matthew despejou a mistura de vermute com gim e gelo sobre uma taça de cristal e acrescentou uma azeitona verde antes de servi-la. Em seguida, sentou-se numa poltrona na frente de Caterine e tomou um gole de uísque antes de perguntar:

— A que devo a honra de sua visita?

Caterine nem sequer tentou se lembrar dó motivo que a levara até a vila. Tampouco procurou disfarçar o que estava sentindo.

— Você disse que havia terminado seu namoro com Claire. Não foi o que me pareceu.

Matthew colocou o copo sobre a mesa e encarou-a.

— Olhe, Caterine, este não é o momento mais adequado para explicações, mas eu juro que disse a verdade, apesar do que você acabou de presenciar.

Caterine deu uma risada irônica. Matthew acreditava realmente que ela era uma tola?

— Concordo que as aparências enganam de vez em quando, mas não foi esse o caso há poucos instantes.

— Eu lhe garanto que sim.

— Sinto muito, mas não dá para entender de outro jeito a cena de uma mulher quase nua saindo do quarto de um homem e pedindo para que ele volte para a cama e acabe com sua solidão.

Ela tomou um gole do martíni e Matthew acompanhou seus movimentos com a respiração suspensa. Aquilo não podia ter acontecido. A presença de Claire em sua casa fora um desastre. Havia uma explicação para isso e ele estava tentado a dá-la imediatamente, mas não queria ser interrompido e com Claire por perto tudo era possível. Ele precisava aguardar o momento certo para convencer Caterine de que não era culpado pelo que acontecera. Era essencial que ela acreditasse em sua inocência.

— Por que não me diz, agora, o motivo que a trouxe a minha casa? Não 'estava simplesmente passando por 'aqui, eu presumo.

Ele havia tentado brincar a fim de suavizar a atmosfera, mas Caterine não interpretou assim seu gesto. A raiva voltou a invadi-la e a razão de sua visita se tornou clara em sua mente.

— O que você fez com Carla e com Antônio?

— Carla e Antônio? — Matthew repetiu.

— A irmã de Horácio e seu marido. Por favor, não diga que não sabe de que eu estou falando.

— Mas eu realmente não sei — ele respondeu, com uma expressão de espanto que parecia genuína. — Não tenho nada a ver com aquelas pessoas. Por que deveria ter feito algo com elas?

Caterine terminou de beber o drinque e colocou o copo sobre a mesa antes que o quebrasse, tal a força com que o estava segurando.

— Quer dizer que não sabe de que eu estou falando?

— Infelizmente não.

Caterine apertou os punhos. Como ele podia mentir tanto? E como podia ser tão bom nisso? Parecia tão sincero, tão convincente. Deveria ser por causa da prática que adquirira no decorrer dos anos.

Ela respirou fundo. Se Matthew queria brincar, ela aceitaria o jogo.

— Nesse caso, eu explicarei a você o que está acontecendo. Estive na casa de Carla e Antônio há pouco. Como você já deve saber, eu havia combinado um encontro com eles esta noite. Quando cheguei lá, entretanto, fui informada de que não se encontravam.

— Eles haviam saído?

— Não, eles haviam desaparecido! A mulher que me atendeu disse que eles haviam deixado San Rinaldo. — Caterine fez uma pausa. — Você não acha estranho?

— Claro que sim. Tem certeza de que ela disse a verdade? Caterine contou até dez para não explodir.

— Absoluta. Eu pedi para entrar e ela deixou. A casa estava completamente vazia. Não havia sinal deles nem de seus pertences.

— Quer dizer que você entrou e examinou todos os cômodos?

— Sim, eu fiz isso — ela disse, embora não entrasse em detalhes, pois na verdade precisara forçar sua entrada na casa.

— Você devia estar realmente ansiosa pela visita — Matthew murmurou. — O assunto que tinha a tratar com o casal deveria ser de suma importância.

— Sim, era mujto importante.

Naquele instante, apesar de zangada, Caterine percebeu que sua resposta havia desagradado Matthew.

— Você deve estar desesperada por revê-lo...

Ela não disse nada. Aquelas palavras significavam que Matthew ainda acreditava que estivesse ligada a Horácio. Mas o medo que ele demonstrara ao obrigar o casal a se afastar certamente não se originava da hipótese de ela vir a reatar seu namoro. Matthew estava preocupado em se proteger apenas.

Talvez não tivesse acreditado quando ela o ameaçara dizendo que tinha provas em seu poder contra ele. Mas com Horácio a história poderia ser diferente. A única salvação de Matthew seria impedir que Horácio e ela se encontrassem, o que ele fizera sem perda de tempo.

Agora ela não tinha mais como agir. Não sabia onde Carla e Antônio haviam se escondido. A mulher se recusara terminantemente a informá-la.

— Droga! Por que você vive interferindo em meus assuntos pessoais? Existem leis neste país, você sabia? Ninguém pode dar sumiço nas pessoas e escapar sem punição!

— Eu não fiz ninguém desaparecer. Embora o fato não me cause nenhuma tristeza, dou-lhe minha palavra de que não tenho nada a ver com aquele casal. Por mim, quanto mais longe eles estiverem daqui, melhor.

— Não duvido de que pense assim — Caterine respondeu, sem que Matthew tivesse conseguido convencê-la. — O que fez com eles?

— Eu não fiz nada com eles, já disse.

— Não acredito em você. Eles foram embora de San Rinaldo por sua causa. O que fez? Ameaçou-os?

Matthew ouviu as acusações em silêncio.

— Você entendeu tudo errado — ele se defendeu, por fim. — Ajudaria, talvez, se eu lhe desse licença para revistar a casa e verificar com seus próprios olhos que eu não os escondi em nenhum local secreto?

— Não faça pouco caso de mim! Eu vou descobrir a verdade e... — Ela se deteve a tempo. Havia feito um acordo com Matthew. Ele não precisava saber que havia decidido não respeitá-lo.

Matthew estava fitando-a com o cenho franzido. Ele sabia o que ela queria fazer, mas também

sabia que ela jamais o faria. Não tinha como atacá-lo. Mas e Horácio? Não conseguia entender onde o rapaz se encaixava. Estaria Caterine disposta a reatar o namoro? Era o que ele mais temia.

— Vá em frente. Diga o que fará comigo?

— Nada.

— Nada? Não acredito em você, Caterine.

Ela estava pensando em quanto o detestava e no prazer que sentiria quando lhe desse a merecida lição. No entanto, bastou Matthew chamá-la por seu nome, com aquela voz grave e sensual que lhe pareceu terna e íntima para que ela esquecesse a raiva e se deixasse envolver por uma onda de ternura.

— Horácio está por trás dessa história? — Matthew indagou.

Ela não respondeu. Sua mente não havia captado a pergunta. Só conseguia pensar no que sentira quando aquela boca pousara sobre seus lábios. Queria tanto que ele os tomasse novamente.

Mas ele havia feito uma pergunta e estava esperando uma resposta. Tinha a ver com Horácio, provavelmente.

Matthew estava enganado sobre eles. Naquele instante ela decidiu dizer a verdade sobre Horácio não significar mais nada em sua vida. Mas, antes que começasse a falar, Claire entrou e se sentou quase no colo dele.

— Você é um menino mau — ela sussurrou junto ao ouvido de Matthew ao mesmo tempo em que o abraçava pelo pescoço. — Como pôde me deixar sozinha no quarto?

Caterine sentiu uma dor aguda no peito. Havia se esquecido completamente de Claire nos últimos minutos. Mas não havia se passado o mesmo com a garota. Ela se produzira com cuidado para voltar à cena e reclamar seu homem. Usava um vestido tão curto e justo que não era preciso tentar adivinhar as curvas e protuberâncias de seu corpo. E o modo com que se inclinava sobre Matthew fazia os seios saltarem sobre o decote.

Matthew não parecia se importar com as insinuações patentes. Ele não dizia nada. Não a afastava, mas também não demonstrava interesse por seus carinhos. O que Caterine não notou, pois estava distraída demais com a própria Claire, foi que seus olhos estavam duros como aço.

Claire não se dignou a olhar para Caterine uma única vez, do mesmo modo que antes. Caterine ficou indignada. Não era invisível. E se era verdade que Matthew não tinha mais nada com ela, por que não reagia? Era ridículo. Queria sair daquela casa o mais depressa que pudesse.

Levantou-se e se despediu sem se dirigir a nenhum dos dois em particular. Matthew não tentou detê-la.

— Eu a acompanho até a porta.

Claire enlaçou-o pela cintura e deitou a cabeça em seu ombro, impedindo-o de se levantar.

Dessa vez ele se desvencilhou de seus braços.

— Fique aqui. Volto num segundo.

Caterine mordeu o lábio. Lógico que ele voltaria! Mal podia esperar para levar a garota novamente para a cama e terminar o que fazia quando foi interrompido.

— Sinto muito pelo que aconteceu — Matthew disse ao abrir a porta. — Precisamos conversar a

sós. Passarei por seu escritório amanhã de manhã.

Ela saiu sem olhar para trás.

— Não precisa se dar ao trabalho. Não estou interessada em nada que tenha a me dizer.

Com essas palavras, Caterine correu para seu carro e voltou para o palácio tentando desesperadamente não pensar no que acabara de acontecer. Em vão. A imagem de Claire deitada na cama de Matthew a perseguia sem trégua.

Algumas horas mais tarde, Caterine estava em seu quarto com os olhos abertos na escuridão. Não fora agraciada com a bênção do sono aquela noite, mas ao menos tivera a chance de refletir sobre os últimos acontecimentos e chegar a algumas conclusões:

Matthew Allenby não era um homem confiável. Ela não havia se enganado a seu respeito. Chegara a ter dúvidas por um ou dois momentos, mas essas dúvidas haviam sido esclarecidas. Ele havia se livrado de Carla « de Antônio para impedir que ela se apossasse das provas que o incriminariam. E não adiantaria ela tentar procurá-los. Seria tempo perdido. A família de Horácio não tinha amigos nem parentes em San Rinaldo. Ela não se espantaria se não tivessem mais as evidências de que Horácio falara. A essa altura, Matthew deveria ter se apossado de tudo. Ele não era de se intimidar diante de obstáculos.

Matthew era desonesto, interesseiro. E principalmente mentiroso. Havia mentido sobre Horácio e agora sobre Claire.

A imagem do vestido justo e decotado no chão ao lado da cama a fez fechar os olhos. Nunca havia se sentido tão mal em sua vida. Por um momento não conseguiu respirar. O ciúme estava corroendo-a por dentro.

Precisava vencer aquela loucura. Não podia entender como acontecera, mas ela havia se deixado fascinar pelo charme de Matthew. Era mais do que tempo de colocar um fim nessa história.

Se não se cuidasse ele a seduziria. Tinha certeza disso. Resistiria muito mas acabaria cedendo. Cairia nos braços dele como um fruto maduro.

Essa foi a razão pela qual pediu que Anna a acordasse cedo pela manhã. Procuraria Damiano em seu escritório e lhe contaria tudo sobre Matthew. Ainda não havia conseguido reunir provas contra ele, mas exigiria que o irmão a ouvisse. E não o avisaria de sua intenção com antecedência para que ele não tentasse evitar o encontro.

Quando o sono finalmente começou a vencê-la, Caterine abraçou-se ao travesseiro e sorriu. Matthew Allenby estava com os dias contados no palácio. Que alívio!

Mas, subitamente, algo estranho aconteceu. Uma imagem se formou em sua mente. Havia uma garota sentada sobre a cama de Matthew sem nada por baixo do vestido. Ele estendeu as mãos e, com delicadeza mas também desejo, afastou as alças, expondo um par de seios alvos e palpitantes.

Enquanto ele tomava aqueles seios nas mãos e os acariciava, a garota sorria e suspirava. Não era Claire, mas ela própria.

Caterine não estava sorrindo ao acordar algumas horas depois. Seu cenho estava franzido. A fantasia havia sido esquecida. Agora ela só conseguia pensar no que diria a Damiano.

Tomou um banho rápido e vestiu-se. Não conseguiu comer nada. Estava tão tensa que preferiu tomar apenas uma xícara de café.

Estava com os lábios apertados e os punhos cerrados ao se encaminhar para a ala oeste onde o duque mantinha seus aposentos particulares. A cada passo que dava, rezava para que o irmão não tivesse saído.

A porta do escritório estava aberta. Entrou sem bater. Em seguida, após cumprimentar a secretária, invadiu o recinto sem se fazer anunciar.

Ele estava lá. Ela havia conseguido. Uma sensação de triunfo se apoderou de seu peito.

— Damiano, eu preciso falar com você. É muito importante. Tem de ser agora.

Ele interrompeu a leitura de um documento e olhou para Caterine com seus olhos escuros como a noite. Damiano tinha os mesmos olhos que o pai, o falecido duque. Sempre que os fitava, Caterine se lembrava do amor e da ternura com que o irmão a tratava até Matthew se intrometer entre eles.

— Sinto muito, Caterine, mas estou muito ocupado. Caterine tentou superar a mágoa que o desinteresse do irmão causou e se concentrar no motivo que a levara a procurá-lo.

— Isso não importa. O que eu tenho a lhe dizer é muito importante. Não tomarei mais do que meia hora de seu tempo.

O irmão acabou sorrindo, mas ela reconheceu que não. havia humor no gesto, apenas tolerância.

— Está bem. Mas, infelizmente, não posso lhe dispensar todo esse tempo. — Ele olhou para seu relógio de ouro. — Quinze minutos é o máximo que poderei lhe dispensar.

— Ok.

Caterine concordou com um suspiro de alívio e apressou-se a se sentar de frente para o irmão. Não poderia imaginar, nesse instante, que quando fosse se levantar, dezessete minutos após, estaria tão arrependida.

Caterine estava sentada sozinha em um dos bancos de pedra que circundavam o chafariz localizado na parte leste do jardim do palácio. Seu olhar estava fixo nas águas que jorravam para o alto e que brilhavam ao sol como se fossem diamantes. Mas ela não estava conseguindo enxergá-las. Seus pensamentos estavam voltados para o encontro que tivera com o irmão. Ele havia lhe contado fatos que a chocaram profundamente. E ela não pudera duvidar de nada. Damiano havia apresentado provas.

Imersa em amargura, Caterine não percebeu que um homem havia surgido no jardim e que ela estava sendo observada. Tampouco notou que ele estava vindo em sua direção com passos lentos mas decididos.

——Você está bem? — Matthew perguntou, surpreendendo-a. — Aconteceu alguma coisa?

Caterine sentiu o coração dar um salto no peito. Ela não estava com vontade de ver ninguém. Muito menos ele.

— Estou. Com licença, eu preciso ir agora.

Mal ela se levantou e tentou se afastar, Matthew a deteve,

— Você não me parece nada bem.

Caterine se virou para protestar, para exigir que Matthew soltasse seu braço, mas quando viu a preocupação em seus olhos e sentiu o carinho com que ele a segurava, sua garganta fechou de emoção e ela se viu impedida de falar.

Matthew segurou-a, então, por ambos os braços e a fez encará-lo.

— Conte-me, Caterine, o que houve com você?

Ela queria se afastar e ao mesmo tempo continuar nos braços dele. Mas não tinha forças para encará-lo. Estava sentindo extrema dificuldade em conter as lágrimas.

— Oh, Matthew!

Capítulo 6

Caterine não soube exatamente como aconteceu, mas no instante em que sentiu os braços de Matthew envolverem seu corpo, não pôde controlar as lágrimas.

Ele não disse uma palavra. Apenas acariciou-lhe as costas como se estivesse embalando um bebê.

Ela parou de chorar em poucos instantes, enxugou as faces com o dorso da mão e pediu que ele a desculpasse.

— Não se desculpe. Eu fiquei contente por você ter permitido que eu a consolasse.

Por estranho que fosse, ela também estava contente por ele ter estado por perto. Não sentia vergonha nem constrangimento pelo descontrole emocional, talvez por Matthew ter encarado a situação com naturalidade. Muitas pessoas, especialmente os homens, ficavam pouco à vontade diante de qualquer manifestação de sofrimento.

— Vamos dar uma caminhada? — ele propôs. — Se quiser, pode me contar o que a está afligindo. Se não quiser, a caminhada lhe fará bem por si só.

Caterine não protestou. Em vez disso, acompanhou Matthew pelo jardim, percorrendo os caminhos de cascalho que conduziam à capela e ao lago. Caterine adorava olhar para os cisnes e os patos que viviam naquela parte da propriedade. Aquele era seu recanto preferido desde a infância.

Matthew deveria ter adivinhado seu estado de espírito e a cura para aquele mal, pois logo depois que começaram a caminhar ela começou a se acalmar.

— Quer se sentar um pouco? — ele perguntou quando chegaram às margens do lago. — A sombra das árvores está convidativa.

Ela fez um movimento afirmativo com a cabeça. Sentia-se grata pela companhia de Matthew. Ele era um homem compreensivo, contrariando o julgamento que fizera.

Ele esperou que ela se sentasse e imitou-a. Nenhum dos dois falou por um longo tempo. O silêncio seria absoluto não fossem o farfalhar das folhas e os grasnidos de alguns patos ao mergulharem em busca de alimentos no fundo do lago.

Matthew quebrou o silêncio quando o casal de cisnes surgiu em cena.

— Quando eu era pequeno havia um lago próximo a minha casa. Um casal de cisnes se encontrava lá ano após ano na época do acasalamento. Era uma festa quando eles surgiam todas as primaveras.

Caterine se virou para ouvir a história e seus olhos se fixaram naquele perfil belo e másculo. As palavras que seu irmão havia lhe dito ecoavam em seus ouvidos.

—Você.não sabe nada sobre Matthew Allenby. Ficaria perplexa se eu lhe contasse alguns fatos.

— Os cisnes são fiéis um ao outro — Matthew contou.

— Quando se unem é para a vida inteira. Se um deles morre, o outro permanece sozinho para sempre.

— Como meus pais — Caterine disse sem pensar. Matthew olhou para ela de forma inquisitiva. Ele ainda não estava morando em San Rinaldo na época em que os pais dela viviam.

— Meu pai se foi há quatro anos — Caterine explicou.

— Minha mãe ficou inconsolável. Eles se amavam demais. Eu nunca vi um casal mais feliz. Então, embora minha mãe gozasse de uma saúde perfeita, a morte a levou durante o sono um ano depois. Todos comentaram que ela havia perdido o gosto pela vida.

Era estranho falar com Matthew sobre seus pais e ao mesmo tempo não era. Caterine relutava em tocar nesse assunto com as pessoas pois ainda sofria muito com a perda. Mas à menção dos cisnes, ela havia se lembrado instantaneamente deles e não pudera evitar de compartilhar seus pensamentos e sentimentos.

— Apesar do sofrimento quando ocorre a separação, eu acho que esses casais são dignos de inveja.

— Eu concordo com você — ela murmurou.

Os olhares se cruzaram naquele instante e não puderam se afastar. Havia uma compreensão entre eles que falava mais do que as palavras.

— Continue sua história — Caterine pediu. Matthew tornou a olhar para o lago.

— Certo ano, apenas o macho apareceu. Ele estava diferente. Agitava as asas com freqüência, quando antes era muito tranqüilo. Parecia querer nos dizer alguma coisa. Um dos criados, por fim, resolveu segui-lo e eu fui com ele.

Matthew fez uma pausa.

— Foi espantoso. O cisne nos levou a um outro lago, cerca de dez quilômetros ao norte de nossa propriedade, onde havia deixado sua companheira. Ela estava muito doente, escondida entre os juncos.

— Oh, não! — Caterine exclamou, com muita pena. — O que havia acontecido com ela?

Matthew suspirou.

— Ela havia engolido um peso de chumbo desses usados pelos pescadores. Estava pagando com a vida por causa de uma irresponsabilidade.

— Que horror! Você a viu morrer? Matthew balançou a cabeça negativamente.

— Eu tive a sorte de testemunhar seu salvamento, pois o homem, com quem ou estava, chamou um veterinário para examiná-la. Ele conseguiu remover o chumbo e ela se recuperou. No ano seguinte, eu tornei a ver o casal em meu lago.

— E nos anos seguintes também? — Caterine quis saber.

— Também. Caterine sorriu.

— Que história linda! — Ela não pôde evitar compará-la à sua. — Em matéria de lealdade e decência, os cisnes são muito mais evoluídos do que a humanidade.

— Ela percebeu que Matthew havia deixado de olhar para o lago para fitá-la, mas não correspondeu ao gesto.

— Estive com Damiano esta manhã. Para ser franca, eu queria falar mal de você a ele. Aconteceu o inverso. Ele me contou coisas muito boas sobre você, e me fez revelações terríveis sobre Horácio.

Matthew não disse nada. Agora estava explicado o porquê do abatimento de Caterine. Damiano

havia lhe contado sobre Horácio.

Ela deitou na grama, apoiando-se sobre um cotovelo. De repente, queria contar tudo a Matthew. De certa forma, devia-lhe isso.

— Damiano me contou algo sobre Horácio que me chocou muito. — Caterine mordeu o lábio ao recordar o modo bruto e impaciente com que seu irmão a fizera calar quando ela começara a se queixar sobre Matthew. Ele não havia se importado com o fato de que a revelação pudesse ser dolorosa. E fora isso, mais do que a decepção por Horácio, que a ferira. A total falta de carinho de seu irmão por ela.

— Ele me contou que Horácio usou nosso namoro para tentar manchar seu nome e afastá-lo do emprego. — Caterine respirou fundo. — O que mais me enojou foi saber que ele estava sendo pago para desempenhar essa tarefa. — Ela fez uma pausa e fitou-o. — Você sabia disso há muito tempo, não?

— Sabia — ele admitiu.

— A empresa, que você venceu quando veio trabalhar para Damiano, procurou Horácio e lhe ofereceu dinheiro para me envenenar contra você. Eles queriam que eu contasse a meu irmão as mentiras que Horácio inventava a seu respeito. O objetivo deles era que Damiano o demitisse para que pudessem conseguir o contrato. Como fui tola! Deixei que Horácio me usasse.

— De certa forma, sim.

— De uma grande forma, você quer dizer — Caterine retrucou, amarga.

— Não seja tão dura consigo mesma — Matthew murmurou. — Horácio era um perito em enganar as pessoas.

— Só agora eu descobri.

Caterine baixou a cabeça. Damiano havia conseguido, por fim, obrigá-la a ouvir o que ela se recusara a escutar antes.

— Eu jamais teria me intrometido entre você e aquele crápula, se não tivesse provas concretas de quem ele era. Você deveria saber disso.

Matthew tinha razão. Como pudera ficar do lado de Horácio que mal conhecia e contra seu próprio irmão? Porá uma tola. Não lhe ocorrera, nem por um minuto, que Horácio fosse o verdadeiro vilão.

— Eu estava errada sobre você.

Seu irmão havia lhe contado outros fatos sobre Horácio e também sobre Matthew. Garantiu-lhe que havia investigado toda a vida de Matthew assim como investigava o passado e o presente de todos aqueles que eram contratados para trabalhar no palácio.

— Matthew é um homem capaz e decente — Damiano afirmara. — Essas provas de que Horácio lhe falou e que se encontram com sua irmã, ou foram falsificadas ou nunca existiram. Se quer saber minha opinião, eles fugiram de San Rinaldo exatamente por isso. Na certa entraram em contato com Horácio e comentaram sobre a visita que você queria 0a.es fazer. Ciente de que o jogo terminou e de que ele havia perdido, Horácio deve tê-los aconselhado a desaparecerem por uns tempos.

Tudo havia ficado claro para Caterine. A pressa de Horácio em ir embora, não para poupá-la de

um constrangimento maior como clamara tão generosamente, mas porque suas falcatruas haviam sido descobertas.

Quantos enganos! Não apenas sobre Horácio, mas também sobre Matthew. Agora não havia mais razão para detestá-lo e sim para temê-lo. Sem o escudo da raiva com que se proteger, ela estava completamente a mercê de seu fascínio.

— Peço que me desculpe por todas as coisas horríveis que lhe disse. Mas eu estava certa sobre um detalhe. Damiano me disse que foi você quem o alertou sobre Horácio.

Matthew não negou.

— Eu não tive escolha. Sabia que ele era um mau-caráter. O que não imaginava era que havia sido contratado para me afastar daqui. Quando alertei seu irmão, não foi por interesse próprio. Fiquei preocupado que um homem daquela espécie estivesse ligado à irmã de um duque. "Ao mesmo tempo, culpei-me por ter sido o responsável pelo seu abalo."

Caterine sentiu o coração enternecer. Nunca havia imaginado que Matthew pudesse ser tão bom. Ela tinha certeza de que ele estava sendo sincero.

— Não o culpo mais. Admito que você tinha o dever de abrir os olhos de meu irmão. — Ela fez uma pequena careta.

— Você estava certo também ao me impedir de distribuir aqueles convites para a festa ao ar livre. Damiano me contou que aquelas pessoas eram da mesma laia que Horácio. Parece que eu não sou muito boa em julgamentos.

— Isso acontece de vez em quando com todo o mundo

— Matthew respondeu com um sorriso. — Estou contente que meu nome tenha sido limpo, finalmente, perante seus olhos. Eu sabia que a verdade triunfaria mais cedo ou mais tarde. Talvez agora possamos nos entender melhor? Talvez possamos até nos tornar amigos?

— Talvez.

A ideia despertou uma profunda emoção em Caterine. Amigos. A palavra encerrava infinitas possibilidades. Elas a excitavam e também assustavam. Todos seus conceitos sobre Matthew haviam caído por terra. Se Horácio mentira sobre tantos aspectos, também deveria ter mentido sobre ele ser um oportunista.

Matthew não havia negado suas acusações, mas isso poderia não significar nada. Afinal, ele tampouco negara as outras acusações.

Sim, ela realmente estava indefesa. O único obstáculo que restava entre eles era Claire. Sobre a francesa, ela não tinha dúvida de que Matthew havia mentido.

— E agora, você ainda quer que eu encontre um substituto quando for a Londres?

Mais uma vez Caterine sentiu aquela sensação de perigo mesclada à excitação.

— Não. Não será necessário. Não existe mais nenhuma razão que nos impeça de trabalhar juntos.

— Ainda bem. Eu queria muito continuar com o projeto. Matthew disfarçou um sorriso. Jamais tivera a intenção de procurar um substituto. Aquilo fora apenas um recurso para ganhar tempo. Ele queria que tudo desse certo entre ele e Caterine. Claire lhe dera um susto na noite anterior. No final, contudo, o episódio acabara sendo um bom sinal. Caterine sentira ciúme dele. Talvez Caterine ainda

não soubesse, mas não era indiferente a ele como homem. E ele não podia perder aquela oportunidade. O que mais queria era roubar o coração de Caterine e torná-la sua.

Ao perceber a intensidade do olhar de Matthew, Caterine consultou rapidamente seu relógio de pulso.

— É melhor eu ir embora. Tenho uma reunião na cidade daqui a meia hora. — Ela se levantou. — Obrigada por me ouvir. Esse passeio com você me fez um bem enorme. Matthew se levantou em seguida.

— Sinto-me feliz por ter sido útil. Posso acompanhá-la até o carro? Também preciso ir à cidade.

Eles atravessaram o jardim e percorreram os caminhos de cascalho em direção ao local onde os carros estavam estacionados. Caterine podia sentir que uma nova relação estava nascendo entre eles. Uma relação baseada em respeito, amizade, compreensão e algo mais.

Estavam quase chegando aos carros quando Matthew se virou para ela e disse:

— Acho que não tornarei a vê-la até a festa na sexta-feira. Estou partindo amanhã para Londres, conforme já lhe havia informado.

— Eu sei — ela respondeu, mas a verdade era que havia se esquecido completamente da viagem. Sentiria muito a ausência de Matthew. Tinha certeza disso.

Subitamente uma ideia fez o sangue afluir ao rosto de Caterine. Claire iria com ele para Londres? Expulsou o pensamento com determinação. O ciúme só iria estragar aquela harmonia que finalmente surgira entre eles.

Diante de seu Honda vermelho, ela estendeu a mão em despedida.

— Até sexta, então. Tenha uma boa viagem.

— Obrigado — Matthew agradeceu, mas não apertou sua mão. Em vez disso, prendeu-a em seu olhar com tanta intensidade que ela se viu recordando o sonho que tivera. Estava novamente sentada na cama de Matthew, sem nada por baixo do vestido. Ele afastava as alças e tomava seus seios nas mãos.

— Tchau — ela tentou dizer, mas a voz soou estrangulada. Ele apertou sua mão por fim, mas não como um simples gesto de despedida. Ficou segurando-a por um longo tempo. Depois atraiu-a gentilmente de encontro ao peito e beijou-a na boca.

Foi um beijo quase tão rápido quanto o primeiro, mas dessa vez ela sentiu desejo naqueles lábios. O efeito foi instantâneo, poderoso... Algo parecia haver explodido em seu corpo. Ela não pôde evitar que sua respiração acelerasse e que seus braços o apertassem.

Mas Matthew a soltou quase em seguida ao término do beijo e ela, lembrando-se de onde se encontravam, afastou-se também.

— Até sexta, na festa — ele murmurou.

Caterine não conseguiu sustentar aquele olhar febril de desejo. As. emoções fervilhavam em completo tumulto dentro de seu peito. Sabia que seria impossível se controlar se continuasse olhando para ele.

No instante seguinte, Matthew se encaminhou para seu Jaguar prateado. Ela viu quando ele ligou o carro e se afastou. Não teve o mesmo controle. Passaram-se alguns minutos até que conseguisse parar de tremer o suficiente para introduzir a chave na ignição.

Era a noite da festa de aniversário de Damiano e Caterine estava em seu quarto se preparando. Já havia tomado um longo banho de imersão e Robert, seu cabeleireiro, acabava de fazer um lindo penteado preso no alto da cabeça, com algumas mechas soltas para dar leveza e emoldurar o rosto.

Em menos de trinta minutos ela estaria descendo as escadas para se reunir à família e aos convidados para o brinde que antecederia o jantar.

O problema era que Caterine ainda não havia decidido o que vestir.

— Acho que vou experimentar o verde outra vez — ela disse à camareira e depois balançou a cabeça. — Oh, Anna, desculpe-me o trabalho que estou lhe dando. Sei que já experimentei uma porção de vestidos. Se não me engano é a terceira vez que fico em dúvida sobre o verde. Alguma coisa deve estar errada comigo. Não consigo me decidir.

Anna, que trabalhava para Caterine havia três anos e que gostava sinceramente da jovem patroa sorriu em resposta.

— Não tem importância. Demore o tempo que quiser. Mas se quiser minha opinião, o vestido cor-de-rosa é o mais bonito de todos.

Caterine concordava com Anna, mas havia comprado o vestido verde especialmente para a ocasião. Ao contrário do rosa, um modelo bem-comportado, o verde era decotado e justo, feito para atrair a atenção.

Não era o tipo de vestido que ela costumava usar, apesar de contar com um corpo exuberante, mas parecia ser o modelo ideal para conquistar Matthew.

— O que você acha? — Caterine perguntou pela quarta vez e girou diante do espelho. — Diga a verdade, Anna. Devo descer com ele ou não?

Era uma pergunta difícil de responder, Anna pensou. Sua patroa havia mudado muito no decorrer daquela semana. Fazia meses que não a via tão alegre e cheia de vida. Seu brilho havia retornado e mais intenso do que antes.

Anna viu-se cogitando quem seria o homem. Tinha certeza de que havia alguém por trás daqueles sorrisos e olhares sonhadores.

— Eu acho que esse vestido é muito chamativo. — Talvez ela devesse ter acrescentado que Gaterine não precisava de artifícios para chamar a atenção, principalmente naquela noite em que estava irradiando sua própria luz interior.

Caterine, é claro, não se dava conta disso. Mirava-se no espelho a cada instante com expressão crítica. Tinha certeza de que Matthew gostava das mulheres provocantes e sensuais e ela queria muito agradá-lo.

Ainda indecisa, Caterine vasculhou mais uma vez os armários e se deteve no vestido cor-de-rosa que era o preferido de Anna.

Colocou-o na frente do corpo e virou-se para o espelho. Ele era realmente bonito mas muito juvenil. Atirou-o sobre a cama. O verde era deslumbrante. Matthew ficaria sem fôlego quando a visse com ele.

— Usarei o verde, Anna. Por favor, pegue as sandálias que lhe fazem conjunto. E rápido, antes que eu mude de ideia outra vez!

Em seu quarto, Matthew também estava se vestindo para a festa. Faltava apenas colocar o paletó

do smoking e as abotoaduras.

Estava terminando de ajustar a primeira abotoadura ao punho da camisa branca quando foi assaltado por uma dúvida. Sempre usava aquelas abotoaduras de ouro gravadas com o brasão de sua família em ocasiões especiais. Naquela noite, entretanto, elas poderiam lhe causar problemas.

Tirou-as e colocou-as no estojo de porcelana. Em seguida, substituiu-as por um par de abotoaduras de ouro comuns.

Consultou rapidamente seu relógio de pulso também de ouro. Era hora de se pôr a caminho. O percurso até o Palazzo Verde demorava quinze minutos.

A noite estava agradável e o céu estrelado. Matthew entrou no Jaguar e abriu a janela. Iria pela Corniche, a estrada que contornava a baía. O trajeto por ali era um pouco mais longo mas a vista era tão magnífica que ele optava por ela sempre que podia. Além disso, queria se preparar psicologicamente para o encontro com Caterine após uma semana sem vê-la.

Cada vez que pensava em Caterine sentia uma onda de desejo, de excitação. E também de impaciência. Nunca quisera tanto uma mulher. Era estranho, pois até alguns meses antes Caterine não figurava entre seus planos para o futuro.

Enquanto o Jaguar percorria a estrada sinuosa, ladeada de palmeiras, Matthew olhou para os casais de namorados que passeavam de mãos dadas e pensou em como seria sua estratégia para a noite.

Tudo dependeria do humor em que a encontrasse. Se ainda estivesse aborrecida com as palavras de Damiano, ele precisaria assumir um tipo de comportamento, se ela já havia superado o choque e estava animada, ele aproveitaria a chance para convencê-la de uma vez por todas que não havia mais nada entre ele e Claire.

No dia anterior a sua partida para Londres, ele havia se dirigido cedo ao palácio para ver Damiano, mas também para dar uma explicação a Caterine sobre Claire.

Estava percorrendo o corredor que conduzia aos aposentos particulares do duque quando, por uma janela, vira Caterine chorando no jardim. Fora imediatamente ao encontro dela e descobrira que as lágrimas eram por causa da revelação feita por Damiano sobre o ex-namorado. Não fora possível falar sobre Claire, portanto. O momento não poderia ter sido mais inadequado... Sua maior esperança era que Caterine houvesse esquecido Horácio definitivamente e reconhecido que ele não era merecedor de seus sentimentos.

O Palazzo Verde surgiu ao longe. As paredes altas e as torres pareciam brilhar ao luar. Enquanto o admirava, Matthew sentiu a pulsação acelerar. Tinha um pressentimento de que aquela seria uma das noites mais importantes de sua vida.

Os guardas o saudaram com um gesto amigável e gesticularam para que ele se dirigisse ao estacionamento, que já estava quase repleto.

À entrada do hall, os encarregados de recepcionar os convidados sorriram para ele.

— Boa noite. Não se preocupem em me indicar o caminho. Saberei encontrá-lo — Matthew brincou, e seguiu em direção ao salão azul onde seria realizada a festa íntima de aniversário do duque.

Criados de libre abriram as portas duplas e Matthew entrou no salão onde as pessoas estavam reunidas. Risos e vozes animadas o saudaram. O ambiente era fino e sofisticado. As mulheres

usavam vestidos longos e coloridos e exibiam tiaras com pedrarias nos cabelos. Os garçons circulavam sem cessar oferecendo canapés e taças de champanhe em bandejas de prata.

O primeiro ato de Matthew foi cumprimentar Damiano, como não podia deixar de ser. Enquanto atravessava o salão, contudo, ele procurava Caterine com os olhos. Encontrou Leone, o outro irmão, com sua linda esposa americana, Carrie, e também a duquesa, Sofia, belíssima como sempre. Mas de Caterine não havia nenhum sinal.

Por pouco ele não conseguiu controlar a expressão decepcionada. Talvez Caterine não viesse à festa. Talvez ainda estivesse chorando por Horácio. Talvez ele houvesse sonhado alto demais.

Estava a alguns passos de Damiano quando sua atenção se voltou para um movimento junto à porta. Ele viu os criados se afastarem e fazerem uma reverência.

— Matthew, seja bem-vindo.

— Boa noite — Matthew sorriu, aturdido, e se apressou a estender a mão ao duque. — Feliz aniversário.

O que Damiano nem ninguém poderia imaginar era que Matthew estava agindo como um autômato, pois em seus olhos e em sua mente só existia a jovem de vestido cor-de-rosa que caminhava em sua direção.

Capítulo 7

Como estava Londres? — Como sempre. Choveu sem parar. Eu não via a hora de voltar a San Rinaldo. Caterine sorriu.

— Londres é uma linda cidade mesmo quando chove. Ela nunca poderia ter imaginado que sentiria tanta saudade. No momento em que chegou ao salão de festas e viu Matthew ao lado de seu irmão, o local lhe pareceu ainda mais iluminado e colorido. Não conseguia entender como passara a semana inteira sem vê-lo.

Ninguém, entretanto, poderia adivinhar como estava se sentindo. Havia se dirigido ao irmão em primeiro lugar, e lhe dado os parabéns, para depois se voltar para Matthew.

Ainda bem que resolvera trocar de vestido. Já havia percorrido metade do caminho até o salão de festas com o modelo verde, quando decidira que ele não tinha nada a ver com seu jeito de ser. Sentira-se uma tola com ele. Não era Claire e, o que era mais importante, não queria ser Claire. Queria continuar sendo ela mesma.

Anna arregalara os olhos ao vê-la de volta ao quarto com a respiração ofegante devido à corrida.

— Você tinha razão! O vestido cor-de-rosa combina mais comigo.

O modelo poderia ser ingênuo com as mangas japonesas, o decote redondo e a cintura marcada e enfeitada com uma rosa de seda, mas se Matthew gostava dela teria de aceitá-la como era.

Só em olhar para ele, sentia ímpetos de se atirar em seus braços. Seria tão maravilhoso se ele também gostasse de sua companhia.

— Tive uma semana atribulada — Matthew lhe contou enquanto se dirigiam ao salão de banquetes. — Mal encontrei tempo para respirar. Faz apenas duas horas que cheguei.

— Mas a viagem foi bem-sucedida?

Ela havia se perdido nas profundezas daqueles olhos escuros de tal forma que se esquecera, por um instante, de Claire. Teria Matthew levado a francesa consigo para Londres? A ideia provocou uma sensação de náusea mas Caterine se dominou. Não havia prometido a si mesma que não pensaria mais em Claire?

— Fiz bons negócios, mas estava ansioso por voltar. — Naquele instante, Matthew baixou o tom de voz e segurou-a pelo braço. — Poderíamos conversar a sós mais tarde?

Ela sentiu que enrubescia. O prospecto era maravilhoso.

— Acho que sim — murmurou.

A imensa mesa de mogno estava arrumada com baixelas e talheres de prata, cristais Baccarat e um aparelho de jantar de porcelana que era uma réplica exata do usado pelo primeiro duque em 1670. Sob as luzes, a mesa parecia um tesouro.

Lamentavelmente, os cartões com os nomes de Caterine e de Matthew haviam sido colocados em lugares distantes. Caterine ficou próxima ao duque e à duquesa e entre o embaixador alemão e o camareiro-mor. Matthew sentou-se entre uma princesa romena e a esposa do almirante-chefe, que eram as mulheres mais lindas da festa.

Em outra ocasião, Caterine pensou que teria sentido ciúme da princesa que não media esforços

no sentido de tentar conquistar Matthew, mas ele parecia só ter olhos para ela.

Caterine mal podia esperar pelo término do jantar.

A alegria à mesa era contagiante. Apenas a jovem duquesa não parecia feliz. Caterine sentiu pena.

Não era segredo que o casamento de Damiano havia sido por conveniência. Ao herdar o título do pai quatro anos antes, Damiano ainda era solteiro. Um herdeiro era condição essencial para a posse. Dessa forma, ele se casou às pressas com a jovem mais importante de San Rinaldo, que era filha de um barão. Ela lhe deu o filho tão necessário, mas não a felicidade. E Damiano também não soube fazê-la feliz. Diziam as más línguas que ele havia reatado seu romance com sua antiga amante.

Caterine sentiu-se irritada com o pensamento. Como Damiano podia trocar a jovem e linda esposa por outra mulher? Como podia ser tão insensível? Sofia, afinal, era a mãe de seu filho.

Mas ela não tinha culpa que seu irmão e cunhada fossem infelizes e nada poderia fazer a respeito Dessa forma, voltou a se concentrar em Matthew e em contar os minutos para o término do jantar.

O imenso bolo de sorvete foi trazido, por fim. Era branco e estava decorado com o brasão do duque e com trinta e sete velinhas. Os convidados aplaudiram e ovacionaram Damiano enquanto ele soprava as velas.

O café foi servido e as portas abertas para que aqueles que quisessem se transferir para o terraço se sentissem à vontade para fazê-lo.

Matthew olhou para Caterine e fez um sinal para que ela o acompanhasse. Ela se levantou imediatamente, pediu licença aos cavalheiros que permaneceram à mesa e seguiu em direção ao terraço num esforço desesperado para se manter calma e natural.

Uma brisa balsâmica tocou seus cabelos no momento em que se colocou junto à balaustrada de forma que Matthew pudesse vê-la com facilidade. Mas um minuto passou e ele não veio. Passaram-se mais cinco minutos. O que teria acontecido?

Várias pessoas estavam reunidas no terraço. Teria entendido errado o sinal dele? Seria outro o local do encontro? Deveria voltar para o salão de banquetes?

Deu um passo e viu-o. O choque fez com que se detivesse. Ele estava atravessando o salão ao lado da princesa romena.

O mundo antes tão iluminado se encheu de sombras. Suas pernas pareciam ter se transformado em chumbo. Caterine precisou voltar para junto da balaustrada e se apoiar para não cair. Ela não havia se enganado afinal de contas. Matthew Allenby era um alpinista social. Não hesitara em trocar uma lady por uma princesa.

O interesse que ele demonstrara por ela, então, fora apenas com vista ao que poderia lucrar com o relacionamento?

Caterine fingiu estar admirando a noite enquanto procurava se controlar. Quando se sentiu mais calma, respirou fundo e endireitou os ombros. Procuraria um dos grupos de convidados e tentaria se distrair.

Estava se virando, de queixo erguido, quando trombou com Matthew.

— Desculpe fazê-la esperar. — Ele a segurou pelo braço. — Apesar de meus protestos, a princesa insistiu em me apresentar ao pai. — Matthew deu um sorriso. — Eu escapei na primeira oportunidade.

Seria verdade? Caterine ficou em dúvida por um instante, mas logo resolveu se entregar ao alívio provocado pela chegada de Matthew e à alegria de vê-lo novamente.

— Tudo bem — ela respondeu com um sorriso. — Eu aproveitei para admirada vista.

Era uma mentira, Caterine pensou ao se lembrar da angústia que a dominara durante os minutos intermináveis.

— Que acha de darmos um passeio até o lago e vermos como estão nossos cisnes?

Caterine apoiou a mão no braço de Matthew como se esse gesto fosse o mais natural do mundo. O mais interessante era que ela sentia exatamente isso.

— Por que não?

— Gostou do jantar? — ele quis saber enquanto caminhavam sob as árvores que pareciam ter se transformado em prata à luz do luar.

— Muito. As pessoas pareciam estar se divertindo. Damiano está ficando velho. Já chegou aos trinta e sete.

— Não acho que trinta e sete anos seja muito. Daqui a dois anos eu também terei essa idade. A você parece muito porque é a caçula da família.

— E verdade. Meus pais sempre diziam que eu fui um presente tardio.

— E muito especial — Matthew acrescentou.

Ao perceber que os olhos cinzentos estavam voltados para ela de um modo significativo, Caterine sentiu que corava.

— Você também nasceu tardiamente?

— Não sei. Acho mais provável que eu tenha apenas "acontecido" — Matthew respondeu com um piscar de olhos. — Estou no meio de duas irmãs maiores e de dois irmãos menores.

Caterine nunca havia pensado em Matthew como sendo membro de uma família numerosa. A ideia lhe parecia fascinante. De repente queria saber mais sobre a vida pessoal de Matthew. Damiano havia mencionado que ela ficaria muito surpresa quando descobrisse alguns fatos nesse sentido.

Mas antes que ela pudesse tentar formular uma pergunta, ele apontou para o lago.

— Veja. Lá estão nossos cisnes.

O modo com que Matthew falou, como se realmente partilhassem algo, fez com que ela sentisse uma emoção muito agradável.

— Eles não são lindos? — Matthew indagou ao mesmo tempo em que a abraçava pela cintura.

O impulso de corresponder ao gesto era quase irresistível. Nunca Caterine havia sentido tanto prazer na companhia de um homem. Seu corpo inteiro parecia estar se derretendo ao calor que emanava do dele. Ela mal conseguia respirar de tanto que seu coração batia.

— Mas não tanto quanto você — ele continuou. — Quando você chegou à festa, eu mal pude me lembrar de que estava rodeado por pessoas. Só tinha olhos para admirar sua beleza. — Ele começou a lhe acariciar os cabelos. — O vestido que está usando parece um sonho.

Caterine havia deitado a cabeça no ombro dele. Naquele momento, porém, não resistiu mais à vontade de erguer os olhos e fitá-lo. Seu pobre coração parecia haver se transformado numa bola de fogo.

— Caterine — Matthew murmurou e deslizou os dedos para o rosto acetinado. Em seguida, como se não pudesse mais resistir, abraçou-a com paixão e atraiu-a de encontro ao peito.

O beijo que trocaram parecia estar sendo esperado há milhares de anos. Caterine sentiu como se estivesse sendo transportada às estrelas e se fundindo ao universo. Seu corpo, ao mesmo tempo, parecia estar sendo dilacerado por garras afiadas, impaciente pela plenitude da satisfação.

Os lábios de Matthew eram os mais excitantes e exigentes que ela já havia provado, os braços fortes que a sustentavam eram os mais irresistíveis que já conhecera e o corpo viril que estava pressionado contra o dela era o mais sensual e potente.

No momento em que Matthew recuou e fitou-a, ela soube que havia se passado o mesmo com ele. Matthew também havia sido dominado pela mesma paixão, sua respiração também estava ofegante.

Ele se inclinou para beijá-la mais uma vez e suas mãos percorreram as curvas delicadas e femininas.

— Talvez seja este o momento de eu lhe explicar sobre Claire — Matthew sussurrou e soube imediatamente que não poderia esperar nem mais um minuto tal a rigidez que se apossou do corpo de Caterine.

—Venha se sentar comigo naquele banco — ele sugeriu e puxou-a pela mão. — É muito importante que ouça o que tenho a dizer.

Caterine o seguiu mas não tinha certeza de que queria ouvir realmente o que ele pretendia lhe dizer. Esforçara-se tanto para afastar a imagem de Claire de sua mente. A súbita intrusão havia trazido um sabor amargo a sua boca, um medo horrível de não poder acreditar no que ele estava pronto para contar.

Matthew sentou-se a seu lado e tomou suas mãos nas dele. Olhou-a de um modo que aumentou ainda mais seu pânico. Aquilo estava parecendo um teste. Matthew estava prestes a pedir um voto de confiança e ela não sabia se teria forças para concedê-lo.

— As aparências estão contra mim, Caterine, mas eu fui sincero quando lhe disse que não havia mais nada entre mim e Claire. Nós terminamos há três meses.

Caterine não respondeu. Não era necessário. O ceticismo estava escrito em seu rosto.

— Sei que você está sentindo dificuldade em entender, por isso vou tentar lhe explicar. Claire parece meio maluca de vez em quando. Ela gosta de chocar as pessoas e de fazer cenas. Isso lhe dá prazer.

— Presumo que esteja se referindo àquela noite em sua casa — Caterine respondeu —, mas não vejo o porquê de ela ter tentado me chocar.

— Por você ser quem é, Caterine.

— Está querendo dizer que ela sabia quem eu era? Pois eu achei que ela nem sequer imaginava que eu estava presente. Ela não chegou a olhar para mim. Pensei até que houvesse ficado invisível!

Caterine se arrependeu instantaneamente do que dissera. Suas palavras haviam sido uma revelação. Matthew não deveria suspeitar de quanto a cena lhe fora desagradável.

— Sim, ela foi rude acima de tudo — ele concordou e apertou suas mãos. — Mas tudo o que fez não passou de uma encenação para se divertir a sua custa.

Quanto mais ele explicava, mais aborrecida Caterine se sentia. Como Matthew podia esperar que ela acreditasse numa história tão absurda?

— Oh, sim. Ela estava apenas de passagem por sua casa, de calcinha e sutiã, e subiu para seu quarto para ajudá-lo a arrumar as gavetas.

— Ela não estava em meu quarto — Matthew retrucou e balançou negativamente a cabeça. — Quando desci para receber você, Claire estava no banheiro. Eu estava me vestindo para levá-la de volta ao hotel. Não estava acontecendo nada entre nós.

Caterine queria acreditar, mas não conseguia. Tentou retirar as mãos, que ele continuava segurando.

— Nós estamos perdendo tempo aqui — disse, impaciente. — Não me interessa o que vocês dois estavam fazendo.

Ela fez menção de se levantar e ir embora, apesar de estar se sentindo tão dilacerada por dentro que não sabia se encontraria forças para andar. Matthew, porém, não deixou.

— Isto é importante, Caterine. Você precisa acreditar em mim.

Sempre que Matthew dizia seu nome, ela sentia-se derreter. Aconteceu de novo. Em vez de insistir, Caterine se calou.

— Claire e eu terminamos há três meses — Matthew repetiu. — Nosso relacionamento nunca foi significativo de qualquer maneira. Saíamos mais para nos divertir. Claire sabe ser agradável quando quer. Alguns meses atrás, porém, ela conheceu um americano em Chicago e me deixou. Não fiquei aborrecido, se é que você está pensando assim. Ao contrário. Foi um alívio. Eu sou contra a traição tanto por parte do homem quanto da mulher. Jamais dividiria minha mulher com outro e nunca faria minha mulher sofrer por causa de outra.

Dessa vez Caterine acreditou. Havia sinceridade naqueles olhos e a afirmação fora feita com veemência.

— Claire me surpreendeu — Matthew continuou o relato. — Ela não gostou de ter sido esquecida com tanta facilidade. Começou a me telefonar com insistência e a me procurar quando eu menos esperava. Ela queria reatar nosso namoro a qualquer preço.

— Foi por isso que foi a sua casa naquela noite?

— Sim. Ela apareceu inesperadamente. Eu havia acabado de chegar. Estava com muito trabalho atrasado e resolvi ficar até mais tarde no escritório.

Ao sentir que Caterine já não estava tão tensa, Matthew diminuiu a pressão com que lhe segurava as mãos.

— Eu fiquei muito zangado e disse o que estava pensando de sua atitude. Ela chorou. Quando você surgiu, Claire estava no banheiro retocando a maquilagem e completamente vestida, eu juro. Enquanto isso, eu estava em meu quarto trocando o terno por uma roupa mais confortável a fim de levá-la de volta ao hotel onde estava hospedada. O restante da história, você já sabe.

— Quer dizer...

— Eu quero dizer, Caterine, que fiquei tão surpreso quanto você quando Claire apareceu no topo da escada quase nua.

Caterine tentou lembrar a cena. Queria ter certeza de que Matthew havia ficado realmente

surpreso, mas a verdade era que ela não conseguira afastar os olhos da U figura provocante da outra.

— É muito importante que você acredite em mim — Matthew implorou. — Quero que tenha certeza de que não há outra mulher em minha vida. — Ele se deteve e segurou-lhe o queixo, obrigando-a a encará-lo. — Não sei como você se sente com respeito a nós, mas eu sinto que algo muito especial está acontecendo.

Caterine sustentou-lhe o olhar embora estivesse confusa. Tinha medo de acreditar e de se entregar a seus sentimentos para depois sofrer uma nova decepção.

Ainda era muito cedo para responder aquelas perguntas. Ela baixou os olhos e tentou não pensar em quanto estava gostando de Matthew e desejando pertencer a ele.

— Eu não sei. Eu realmente não sei.

— Está tudo bem — Matthew respondeu e lhe deu um beijo no rosto. — Peço apenas que confie em mim e que acredite no que lhe contei sobre Claire. Você acredita?

— Acho que sim.

Ela sorriu, então, e Matthew sorriu também. Havia outras batalhas pela frente, mas a principal, ao menos, parecia ganha.

Uma onda de ternura invadiu-o.

— Talvez devêssemos voltar para a festa — Matthew disse após alguns minutos. — Mas não antes de um outro beijo.

Não houve resistência. Caterine ergueu o rosto para ele e entregou seus lábios com doçura e desejo. Alguns instantes depois, enquanto voltavam para a festa de mãos dadas, ela pressentiu um futuro muito feliz para ambos. Por mais que lutasse, acabaria se entregando por inteiro a ele.

Nos dias seguintes Caterine e Matthew se encontraram com freqüência. Eles trabalhavam, conversavam, faziam as refeições e se divertiam juntos. O bem-estar era mútuo. Para Caterine, aquilo era um milagre.

Estava aprendendo a conhecer Matthew. Já sabia das coisas de que ele gostava ou não gostava. Só não conseguia descobrir a respeito de sua família.

A relutância dele em lhe falar sobre os pais e irmãos estava perturbando-a. Seria possível que ele sentisse vergonha? Ela pensou em deixar claro, no momento propício, que ele não precisava se envergonhar de nada, que sua origem não lhe importava, mas no final decidiu não fazer nenhum comentário. Não havia pressa. Ela acabaria descobrindo o que queria, mais cedo ou mais tarde. Conforme Matthew dissera, algo muito especial estava acontecendo entre eles.

Da parte dela, ao menos, era verdade. Não conseguia parar de pensar em Matthew. Ora era sua imagem que lhe surgia diante dos olhos ora estava se lembrando do que ele dissera. Não conseguia esquecer, principalmente, do gosto de seus lábios e das sensações que seus beijos e carícias despertavam e que, de repente, não erain o bastante.

Não havia intimidade entre eles. Talvez por sua própria culpa. Matthew nunca havia tentado tocá-la pois antes que suas mãos ousassem sentir a pele nua, Caterine recuava. Por mais que desejasse experimentar o amor físico, ela não tinha coragem de se render. No dia que isso acontecesse, sabia que estaria comprometida até o fundo de sua alma e a ideia assustava-a.

Claire havia desaparecido de cena conforme ele dissera. Seu coração lhe dizia que não havia o

que temer. Matthew não era interesseiro. Ele não estava querendo se aproveitar dela. Não significava para ele apenas um degrau útil na escala social.

Mas ainda faltava algo para ela confiar em Matthew por completo. Mesmo que corresse o risco de arruinar o relacionamento, portanto, ela não dormiria em seus braços.

Matthew, por sua vez, apesar da impaciência crescente em possuí-la, não tentou pressioná-la.

Faltavam dois dias para a grande festa ao ar livre em comemoração ainda ao aniversário do duque quando a situação chegou ao limite.

Matthew e Caterine estavam jantando num restaurante tranqüilo de frente para a baía e o garçom havia acabado de trazer o café quando Matthew propôs:

— Vamos encerrar o jantar em meu apartamento? Comprei um licor delicioso.

Caterine mal conseguiu encará-lo. Estava louca para responder com um sim. Antes de dizer a pequena palavra, porém, ela engoliu em seco.

— Não esta noite. Uma outra, talvez.

— Ok.

Foi tudo o que ele disse. Mais tarde, quando a deixou no palácio, sua despedida foi fria e o beijo quase casto.

"Ele se cansou de mim", Caterine pensou. "Com toda a razão. Eu mesma estou cansada de mim. Quero ardentemente ser dele, mas continuo a me comportar como uma adolescente".

Atravessou o pátio com todos os músculos rígidos de tensão. Quando se virou para acenar, Matthew já estava se afastando em seu Jaguar. Ela sentiu uma vontade imensa de chorar. Estava frustrada e arrependida.

Quando fechou a porta de seu quarto, pensou em se atirar na cama e dar vazão às lágrimas. Em vez disso, virou-se e começou a correr ao longo do corredor. Não podia continuar daquele jeito. Precisava confiar em Matthew. Estava decidida a voltar para seu apartamento.

Ao estacionar seu Honda diante da vila, contudo, uma nova onda de dúvida assaltou-a. Assim mesmo caminhou até a porta. Ergueu a mão para tocar a campainha, mas seus dedos se recusaram a obedecê-la. Ainda havia tempo para recuar.

Caterine respirou fundo e tocou. Não voltaria atrás em sua decisão.

Ao ouvir passos do outro lado da porta, estremeceu. O que diria se a empregada viesse atender em vez de Matthew? Não houve tempo para pensar numa resposta. A porta estava sendo aberta.

Estaria cometendo um erro irreparável? Deveria voltar correndo para o carro antes que fosse tarde demais?

O rosto de Matthew surgiu diante de seus olhos. Ela tentou falar, mas não conseguiu. Matthew estendeu ambas as mãos para ela.

— Entre.

Capítulo 8

Caterine se atirou nos braços que se abriram para recebê-la.

— Eu estava rezando para que você viesse, meu amor — Matthew sussurrou com os lábios encostados aos seus cabelos.

Naquele momento todos os medos e ansiedades de Caterine se dissolveram como flocos de neve ao sol.

— Eu não pude ficar longe de você nem mais um minuto. Matthew apenas abraçou-a por um momento. Depois inclinou-se e começou a beijá-la nos cabelos, nos olhos, nos lábios, no pescoço. Ela correspondeu plenamente. Seus braços estavam enlaçando-o pelo pescoço, seu corpo estava pressionado ao dele. Se havia enlouquecido, não se importava. Estava disposta a arriscar. Mas como poderia dar errado algo que lhe parecia tão certo?

— Vamos subir?

Ele olhou nos olhos dela enquanto fazia a pergunta, como se estivesse lhe oferecendo a última oportunidade para voltar atrás em sua decisão. Mas Caterine não recuaria mais.

— Sim, vamos.

Sem dizer mais nenhuma palavra, Matthew tomou-a pela mão e conduziu-a pela escadaria de mármore. Antes de entrarem no quarto, beijou-a com uma paixão que fez com que seu coração batesse mais forte. s

— Minha querida Caterine, como você é linda. E a garota mais maravilhosa que existe neste mundo.

Caterine ergueu os olhos para ele completamente apaixonada. Matthew também era o homem mais maravilhoso do mundo.

Ele beijou-a outra vez e o efeito foi devastador. Caterine pressionou seu corpo contra o dele e segurou-o pelos ombros, total e absolutamente certa, agora, do impulso que a fizera procurá-lo.

— Matthew — ela murmurou. — Matthew, eu quero ser sua.

Após um instante em que Matthew a fitou com uma paixão abrasadora, Caterine foi levada para a cama.

O quarto era amplo, decorado em tons de azul e dourado e havia uma cama de casal, o único móvel no qual ela realmente prestou atenção.

Matthew deitou-a com cuidado e tornou a beijá-la.

— Você tem certeza?

Caterine assentiu com um movimento de cabeça e enlaçou-o pelo pescoço, tornando-o seu prisioneiro.

— Absoluta. ' Matthew sorriu, então, deitou-se a seu lado e começou a desabotoar o vestido de algodão cor-de-rosa que ela estava usando. Cada gesto era lento e sensual. A excitação a dominava. Era impossível evitar os doces gemidos provocados pela tensão da espera.

Quando Matthew afastou o vestido e deixou-a apenas de sutiã e calcinha, ela sentiu um arrepio

percorrer todo seu corpo. Mal podia esperar para que ele a deixasse nua e tocasse sua pele.

Mas ele não parecia ter nenhuma pressa.

— Como você é linda! — exclamou e se inclinou para beijar-lhe o ventre. Depois, ainda sem se apressar, fez com que se sentasse, tirou o vestido pelos ombros e jogou-o no chão. Em seguida, libertou-lhe os seios do sutiã branco de renda para tornar a capturá-los, dessa vez com as mãos. Os mamilos enrijeceram ao toque das palmas que desenhavam círculos imaginários sobre eles

Trêmula e indefesa, Caterine fechou os olhos quando Matthew jogou o sutiã no chão e se pôs a sugá-los e beijá-los.

Matthew era um homem experiente na arte do amor ela pensou. Sua primeira incursão nesse mundo seria algo muito especial, algo com que nunca sonhara

Matthew segurou-lhe as mãos e levou-as até seu peito num convite para que ela também o despisse. Não o fez esperar. A medida que desabotoava a camisa, o ritmo da respiração dele aumentava. Em poucos instantes ela também estava sentindo o pulsar de seu coração Assim que desabotoou o último botão, inclinou-se e beijou-lhe o peito.

Por fim, ficaram nus, as pernas entrelaçadas, trocando beijos ardentes e carícias cada vez mais íntimas

Mas Matthew parecia determinado a torturá-la, pois não fazia menção de abreviar sua espera E ela estava quase enlouquecendo de prazer ao sentir a rigidez que lhe pressionava as pernas e o ventre.

Não poderia esperar nem mais um segundo Caterine pensou e mordeu o lábio. Naquele instante estava começando a mergulhar em sua própria paixão. Matthew deveria ter percebido o que estava acontecendo ou ele também não pôde mais suportar a espera Colocou-se por cima dela beijou-a com paixão e penetrou-a de uma só vez

Caterine recebeu-o com todos os músculos tensos. Depois, suspirou:

— Oh, Matthew!

Era dele, enfim.

Foi uma noite longa e maravilhosa, mas que pareceu curta demais para Caterine.

Depois da primeira vez, eles fizeram amor de maneira ainda mais erótica e lenta. Mais tarde, cansados, apenas ficaram deitados um nos braços do outro, trocando beijos e carícias, sem trocarem palavras. Não era preciso falar. Eles haviam adotado a linguagem mais específica do sexo.

Caterine estava olhando para Matthew e se deliciando no calor de seus braços. Amava-o. O que tanto temia havia acontecido. Estava perdidamente apaixonada por ele. E a constatação não lhe provocava mais medo. Jamais havia imaginado que o amor verdadeiro fosse tão lindo.

O sono foi calmo e profundo. Quando Caterine despertou, ainda nos braços dele, sentiu-se uma nova mulher. Era difícil acreditar que não tivesse amado Matthew desde o primeiro instante em que o conhecera.

Como se tivesse ouvido seus pensamentos, Matthew abriu os olhos e sorriu.

— Olá. Veja quem está aqui comigo. Minha garota favorita.

Ele lhe deu um beijinho na boca e ela o devolveu.

— Olá.

De repente, algo que não havia acontecido nenhuma vez durante a noite a fez estremecer. Uma sensação horrível de vulnerabilidade invadiu-a. Todos os medos tornaram a dominá-la. Mas agora era tarde demais. Se Matthew não fosse um homem digno e sim um interesseiro, ela morreria de desgosto.

— Como está se sentindo esta manhã? — ele perguntou, acariciando-lhe o rosto e afastando os cabelos.

— Muito bem — ela respondeu, concentrando-se no perfume másculo e tentando afastar as dúvidas. — E você? Está pronto para enfrentar mais um dia?

Matthew tornou a sorrir e puxou-a pelas costas de forma que ela ficasse sobre ele.

— Após esta noite, estou pronto para enfrentar qualquer coisa. Ela foi muito especial, você não acha?

Caterine sorriu em resposta. A noite anterior fora mais do que especial. Sublime seria uma palavra mais adequada.

— Sim, foi muito especial.

Ele abraçou-a de um modo possessivo e se escondeu sob seus cabelos. Caterine sentiu que sua felicidade chegava à alma.

— Que garota adorável você é — ele continuou. — E sexy, adorável e maravilhosa. Não é de admirar que eu esteja me apaixonando por você.

Caterine sentiu o coração quase parar em seu peito. Seria verdade? Ele estava gostando dela realmente?

— Estou sendo sincero, meu amor. Estou apaixonado por você.

A necessidade de dizer aquelas mesmas palavras era quase física. Mas ela não as disse. O medo não permitiu.

Matthew beijou-a e ela se deixou levar pela felicidade e pelo amor que sentia por ele.

Faltava apenas um dia para a grande festa e Matthew havia lhe prometido que sairiam juntos para um jantar muito especial assim que os convidados se retirassem.

Agora, eles estavam a caminho de uma reunião no Instituto Bardi, no Jaguar de Matthew. Caterine sorria a todo instante. Parecia incrível, mas ela estava amando Matthew cada vez mais, cada minuto.

— Lembre-se de não comer muitos doces na festa — ele lembrou-a.

— Não se preocupe — ela respondeu, rindo. — Estarei tão ocupada em atender os convidados que não sobrará tempo para comer os doces.

Como irmã do duque, Caterine seria a responsável por apresentar os diversos convidados e conduzir conversas amenas e cordiais. Era uma tarefa que ela sempre fazia com prazer. Naquele ano, contudo, se pudesse escolher, Caterine preferiria ficar apenas ao lado de Matthew.

— Eu também não terei tempo para comer doces. Talvez apenas uma fatia das tradicionais tortas de morango.

— Ele se deteve e piscou. — Estarei muito ocupado em vigiar o serviço de bufê. Sou o

responsável para que tudo corra bem, afinal. Mas espero dar um jeito e tomar ao menos uma taça de champanhe com você.

— Eu também. — Ela lhe deu um tapinha na coxa.

— Prometo solenemente que esquecerei minha função de entreter os ilustres convidados por alguns instantes para ficar apenas com você.

Ela o amava muito. Esqueceria de vez seus receios e declararia seu amor a ele na noite seguinte, durante o jantar, após a festa. Estava decidida. Matthew não merecia a dúvida. Ele a fizera a mulher mais feliz sobre a face da Terra.

Estavam quase chegando à cidade, quando ela sentiu o sangue gelar nas veias.

— Por falar em convidados ilustres, eu gostaria que você me apresentasse alguém amanhã. O industrial alemão Dieter Marten. Informaram-me que ele é uma pessoa que pode vir a ser útil para mim.

O método com que Matthew falou foi tão casual que Caterine quase respondeu com um simples "ok". Conforme o pedido lhe calava, contudo, ela sentiu mãos de gelo lhe apertarem o peito. Teria significado realmente apenas um degrau para a ascensão de Matthew no mundo social?

Dieter Marten, afinal, além de ser um bem-sucedido industrial, era um renomado e incansável socialite. Todas as pessoas que podiam ser consideradas importantes eram amigas de Dieter Marten, desde os astros e estrelas de Hollywood até os membros das famílias reais da Europa.

Uma sensação de náusea a fez empalidecer, mas ela procurou se controlar e se convencer de que o pedido fora algo natural e inocente.

— Claro que sim.

No restante do trajeto, Matthew não tornou a mencionar o nome do industrial. Em vez disso, comentou vários detalhes sobre o projeto Bardi. Mas o estrago já havia sido feito.

Os jardins do Palazzo Verde pareciam de contos de fadas. Caterine não pôde evitar uma exclamação de assombro quando saiu no terraço de seu quarto.

Os comes e bebes seriam colocados sobre marquises brancas e amarelas do lado sul. Não eram marquises comuns, entretanto. Matthew havia providenciado uma decoração baseada nos contos das mil e uma noites. Ela nunca havia visto o palácio com um ar tão glorioso e exótico. As profusões de flores e plantas tropicais que continuavam a ser trazidas por um grupo de homens tornava o ambiente vivo e mágico.

Matthew era um homem incrível. Só em vê-lo do outro lado, gesticulando e dando ordens, cheio de dinamismo, ela sentia seu coração transbordar de amor.

Não haviam se falado aquela manhã. Não apenas por causa do trabalho, mas porque ela achara melhor não procurá-lo. Estava quase enlouquecendo de tanto pensar no pedido que ele lhe fizera no carro.

Estaria sendo usada ou se tratava apenas de sua imaginação?

Não poderia continuar vivendo naquela dúvida. Por outro lado, ela tinha a obrigação de atravessar aquele dia dê cabeça erguida e sorriso nos lábios. Era seu dever como uma Montecrespi. E o único meio de cumprir esse dever seria evitando falar com Matthew.

Era quase uma hora. Por volta das duas os convidados começariam a chegar. De acordo com o

protocolo, ela, seus dois irmãos e esposas deveriam estar prontos para recebê-los. De certa forma, isso seria um alívio. Significaria que estava segura. Mais tarde, contudo, ela e Matthew poderiam se ver frente a frente a qualquer momento. 110

Caterine franziu o cenho. Não havia saída. A única maneira de manter seu equilíbrio durante a festa era fingindo que Matthew não existia.

Por sorte sua camareira chegou naquele instante e afastou os pensamentos sombrios de sua mente. Estava trazendo o vestido azul que Caterine havia escolhido semanas antes para usar na festa.

— Podemos começar a nos preparar, milady? — Anna indagou com um sorriso.

— Sim, Anna. Entre.

Três quartos de hora depois Caterine estava descendo as escadas para se reunir aos irmãos e cunhadas à entrada do jardim principal do palácio.

— Você está linda! — Carrie, a esposa de Leone, elogiou-a.

— Você também, obrigada — Caterine retribuiu. — A vida de casada parece estar fazendo muito bem a você e a meu irmão. Cada vez que os vejo parecem mais felizes.

— Como não concordar com você se eu encontrei o marido perfeito? — A cunhada respondeu e jogou um beijo para o marido que estava a alguns metros de distância, conversando com Damiano. — É uma pena — Carrie continuou. — Parece que Sofia e Damiano tiveram uma briga feia hoje. Ela disse que não compareceria à festa. Ainda bem que mudou de ideia.

— Oh, céus — Caterine lastimou. Sofia deveria ter descoberto que o marido estava se encontrando novamente com lady Fiona, sua antiga amante.

Olhou em direção à cunhada e acenou, invadida por uma onda de compaixão. Sofia correspondeu ao cumprimento e sorriu, mas Caterine notou a palidez e a tensão de seu rosto. Pobrezinha! Como deveria ser difícil para ela!

— De vez em quando sinto vontade de matar Damiano. É um absurdo que ele trate Sofia desse jeito!

O assunto foi obrigatoriamente esquecido devido à chegada dos primeiros convidados em seus Mercedes, Bentleys e Rolls-Royces.

A festa ao ar livre em comemoração ao aniversário do duque era um dos maiores acontecimentos do ano. A ocasião era digna de nota. Os convidados chegavam de todas as partes do mundo. Eram príncipes, sultões, diplomatas e celebridades de toda ordem.

Caterine se distraiu em recepcioná-los. Não via grande parte daquelas pessoas desde o casamento de Carne e Leone e havia muito o que conversar.

O único momento de tensão foi a chegada de Dieter Marten. Ela precisou reunir suas forças para se obrigar a sorrir.

— Seja bem-vindo — conseguiu dizer. — É um prazer tornar a vê-lo.

Como acontecia com todos os convidados, ela trocou algumas palavras com ele. Mais tarde, talvez, voltassem a se encontrar, mas ela tomaria providências para que a conversa fosse ainda mais breve. Não queria correr o risco de ver Matthew se juntar a eles!

Com o passar das horas a festa foi se tornando mais animada e divertida. Ainda bem que ela não cruzou com Matthew nenhuma vez. Viu-o de longe em determinado momento e precisou virar de

costas antes que seus tremores a traíssem.

Na segunda vez que o viu, porém, não foi tão fácil escapar. Ergueu os olhos e ele estava bem a sua frente.

— Olá.

— Olá — ela respondeu, sem saber como. — Está se divertindo?

— Estaria me divertindo mais se pudesse ficar a seu lado, mas estou notando quanto se encontra ocupada. Não tenho o direito de interrompê-la. Tomaremos aquela taça de champanhe juntos quando sairmos para jantar.

Antes de se afastar, ele baixou o tom de voz e disse:

— Você está adorável. Esse vestido é exatamente da cor de seus olhos.

No instante seguinte Matthew já estava se afastando. Ela sentiu-se tentada a correr atrás dele e dizer quanto o amava. Em vez disso ficou parada no mesmo lugar.

"Ele é tão lindo, tão doce e tão compreensivo", Caterine pensou. "Estou errada em duvidar de sua honestidade. O que mais quero é que a tarde termine logo para que eu possa encontrá-lo à noite."

Os convidados começaram a se despedir por volta das seis horas. Caterine, sempre atenta a sua função, acompanhou um grupo de pessoas até a porta e estava voltando para o jardim, por trás das marquises, quando algo lhe chamou a atenção.

Recuou alguns passos e olhou de novo. Não podia ser. O que vira fora fruto de sua imaginação, uma miragem.

Antes tivesse se omitido a confirmar sua impressão, assim o mundo não teria desmoronado a seus pés. Não fora uma miragem. Claire e Matthew estavam se beijando!

Ele estava de costas e não teve condições de perceber a presença de Caterine. Ela sentiu a visão escurecer. Afastou-se do lugar e se apoiou em uma das marquises até recuperar o fôlego.

Por uma infeliz coincidência a primeira pessoa que viu quando voltou para a festa foi Dieter Marten.

— Dieter! — ela chamou e apoiou a mão levemente em seu braço. — Sei de alguém que deseja muito conhecê-lo.

Ela o cobriria de vergonha. Faria questão de surpreendê-lo, lhe apresentaria Dieter Marten e o deixaria para sempre.

A cena havia acontecido a poucos passos de distância mas para suas pernas trêmulas parecia um quilômetro.

Estavam chegando à marquise onde ela flagrara o beijo quando Matthew e Claire surgiram a sua frente.

Caterine teve vontade de desistir e sair correndo. Matthew parecia nervoso. Claire sorriu e ergueu o queixo, desafiadora.

— Sr. Allenby, este é o cavalheiro que pediu que eu lhe apresentasse. Dieter, este é o sr. Matthew Allenby.

Em seguida, ela se afastou. Se não tomasse essa atitude, acabaria chorando na frente de todos.

Quem a visse caminhando altiva pelo jardim em seu deslumbrante vestido azul, não diria que estava se sentindo a última das criaturas e que a vida lhe parecia tão escura quanto o fundo de um abismo.

Capítulo 9

Assim que o último convidado se retirou, Caterine subiu em seu carro e dirigiu a esmo por cerca de trinta minutos. Por fim, estacionou no acostamento da estrada que margeava as praias e ficou olhando em direção ao horizonte.

Matthew Allenby era um crápula. Um crápula mentiroso e traidor. Como pudera confiar nele? Quando aprenderia a reconhecer os impostores?

Ele tentara se aproximar antes que a festa terminasse, mas ela não lhe dera chance. Após o episódio com Díeter Marten ele correra atrás dela e ainda tivera o desplante de se mostrar zangado com sua atitude.

Ela ainda estava a caminho do jardim, procurando se recompor antes de se reunir aos convidados, quando Matthew surgiu praticamente no nada.

— Por que fez aquilo? — indagou.

Caterine não respondeu de imediato. Como continuaria a viver sem ele, amando-o como amava? Mas ao desespero somou-se a raiva. Estava cansada de mentiras.

— Não é melhor você voltar para junto de Dieter? Não deveria perder a oportunidade de fazer um contato valioso para seu futuro.

— Você perdeu o juízo para se comportar daquela maneira? — Matthew continuou atacando-a, como se ela não o tivesse interrompido. De repente, fez uma pausa e sua voz se suavizou. — Teve algo a ver com Claire?

A pergunta chegava a ser engraçada. Era óbvio que ele não fazia a menor ideia de que ela os havia surpreendido. Pensou em gritar que, dessa vez, as aparências não a haviam enganado. Vira o beijo com seus próprios olhos. Mas de que adiantaria? Palavras não mudariam nada. Talvez o levassem a inventar uma outra mentira.

— Poupe-se o esforço, Matthew. Volte para Claire. Talvez ela ainda possa lhe ser útil. Eu não quero mais nada com você.

Ele tentou segurá-la pelos braços, mas ela se afastou.

— Caterine... Caterine, acalme-se e ouça o que eu tenho a dizer...

Ele ainda tinha a coragem de pedir que se acalmasse? Ela nunca havia sido mais insultada.

— Vá para o inferno! — praguejou e tapou os ouvidos com as mãos quando ele tentou falar. — Não quero ouvi-lo. Está desperdiçando seu fôlego.

Ele fez menção de retirar as mãos de seus ouvidos e obrigá-la a ouvir, mas se controlou. Não era hora nem lugar para discussões.

— Seja como você quiser. E livre para se comportar como bem entender.

— Sim, eu sou — ela afirmou, altiva. — Agora, por que não volta para junto de Dieter? Ele é um degrau muito importante na sua escalada.

Matthew estava começando a se afastar, mas deteve-se.

— Foi muita bondade sua se dar ao trabalho de me apresentar a ele.

— Gosto de cumprir minhas promessas. Não é de meu feitio voltar atrás em minha palavra. Algumas pessoas não ligam para isso. Para mim, contudo, é algo essencial.

— Louvo sua integridade — Matthew murmurou e começou a se afastar, novamente, mas ainda se detendo.

— A propósito, seu gesto não teria sido necessário. Eu já havia me apresentado a Dieter no início da festa.

Caterine não se deu conta da importância da informação no primeiro momento. Nem até o final da festa e nem enquanto dirigia como uma louca pelas estradas.

Agora, no acostamento, estava chorando e refletindo sobre o que Matthew lhe dissera. Ele mesmo havia se apresentado a Dieter. Ele não a usara. Talvez não fosse tão interesseiro quanto pensara.

Mas e Claire? Estaria enganada sobre Claire também? Lágrimas copiosas deslizavam por seu rosto. Não. Ela não havia imaginado o beijo entre dois. Tinha plena razão em riscar Matthew definitivamente de sua vida.

Por outro lado, o que Claire estava fazendo no jardim do palácio? Ela não havia sido convidada para a festa, de acordo com seu conhecimento.

Havia algo de errado naquela história. Matthew havia comentado que Claire gostava de fazer cenas que chocassem as pessoas. Seria isso?

Caterine estremeceu e cruzou os braços. Teria sido apressada em seu julgamento? Deveria ter ouvido a explicação de Matthew? Deveria ter lhe dado uma chance de se defender?

As lágrimas secaram e ela viu alguns barcos navegando ao sabor do vento. Estava confusa. Muitas perguntas fervilhavam em sua mente. Era chegado o momento de pôr um fim em tantas dúvidas. Era a hora da verdade.

De repente, o caminho lhe pareceu claro. Devia voltar e procurar a única pessoa capaz de lhe dar todas as respostas de que necessitava. Não havia um minuto a perder.

O amor se misturou ao medo e à esperança enquanto ela ligava o carro e tomava o rumo da vila de Matthew.

A primeira coisa que Caterine viu ao se aproximar da vila foi o Jaguar prateado de Matthew estacionado diante da porta.

Ele estava em casa! Alívio e pânico se mesclaram em seu peito. Em breve ela teria as respostas de que tanto necessitava.

Suas pernas pareciam feitas de palha quando desceu do carro e tocou a campainha. Não recuaria. Por mais difícil que fosse, ganhasse ou perdesse, seu destino estava selado.

A porta foi aberta pela mesma mulher do outro dia.

— Preciso falar com o sr. Allenby. Ele está em casa, não? Eu vi seu carro lá fora.

— Sim, madame, ele está em casa — a jovem respondeu —, mas tenho ordens para não deixar ninguém entrar.

— Eu sinto muito — Caterine respondeu —, mas preciso vê-lo. — Antes que a moça pudesse detê-la, Caterine invadiu a casa e começou a subir a escada de mármore. — Onde ele está?

— No quarto, madame, mas eu perderei meu emprego se insistir.

Caterine não ouviu os protestos. Continuou subindo os degraus em direção ao quarto de Matthew. A cada degrau lembrava-se da primeira vez em que ali estivera... Fora a noite mais linda de sua vida.

Sentiu-se fraquejar. Talvez fosse melhor desistir e ir embora. Um momento depois, contudo, ela deu mais um passo. Sabia que não seria fácil, mas precisava esclarecer a situação.

A porta do quarto dele estava aberta e ela entrou. A visão da cama ao centro a fez morder o lábio. Olhou ao redor. Matthew não estava. Teria pressentido sua chegada e se afastado deliberadamente?

Quase no mesmo instante ele surgiu as suas costas.

Deveria estar trocando de roupa no closet, por isso não o vira. E ele estava tão bonito que ela pensou que morreria se o perdesse.

Matthew ainda estava com os cabelos molhados do banho e vestia apenas uma calça cinza de algodão.

— Como entrou? — ele quis saber. — Eu avisei que não receberia ninguém.

Caterine respirou fundo.

— A moça não teve culpa. Ela tentou impedir minha entrada, mas eu forcei minha passagem. Desculpe, mas eu precisava vê-lo.

Ele não disse nada por um momento.

— Por que veio?

Ao menos ele parecia disposto a ouvir, Caterine pensou. Precisava ter cuidado. Deveria medir cada palavra antes de dize-la. Mas a verdade era que não sabia ainda o que e como lhe falar. Sua única saída seria confiar em seus instintos.

— Estou aqui porque quero saber a verdade. Nada mais parece fazer sentido. Não sei o que pensar. Não quis ouvi-lo na festa, agora peço que explique.

Ele continuou encarando-a com expressão indecifrável.

— Talvez eu não esteja com vontade de lhe dar explicações agora.

As palavras a magoaram como se fossem golpes de faca.

— Sinto muito se me recusei a ouvi-lo antes. Foi errado de minha parte, mas eu estava muito perturbada.

O silêncio se prolongou e Caterine pensou que acabaria enlouquecendo se Matthew não voltasse atrás. Por fim, ele colocou as mãos nos bolsos e disse:

— Está bem. Você terá as explicações. Antes, porém, vou repetir o que já disse. As aparências enganam.

— Acontece — Caterine interrompeu-o, impaciente — que eu vi você e Claire se beijando!

Para sua surpresa, a expressão de Matthew não mudou.

— Eu sei. Eu soube disso no momento em que você me apresentou a Dieter como se eu fosse um estranho. Não foi como você pensou, eu garanto.

— Um beijo é um beijo — ela retrucou.

— Eu lhe disse que Claire adora chocar as pessoas. Pois foi isso que aconteceu. Eu não entendi nada quando ela, de repente, me abraçou. Na certa havia visto você e decidiu lhe proporcionar um espetáculo.

Caterine umedeceu os lábios.

— Talvez eu aceite essa explicação, mas e quanto ao fato de vocês estarem juntos na festa de meu irmão?

— Ela não era uma de minhas convidadas, se é isso que você está pensando. Eu gostei de vê-la no jardim tanto quanto você. Claire invadiu a festa, por assim dizer. Ela fez questão de se despedir de mim num cenário suntuoso. Disse que estava voltando para seu namorado em Chicago e que também não queria mais nada comigo. Se você nos encontrou na marquise, afastados do público, foi porque eu a levei para lá, pensando em evitar uma cena desagradável diante dos convidados. Quando eu poderia imaginar que seria justamente você a testemunha da farsa?

— Eu os surpreendi por acidente.

Ela queria parecer fria, impessoal. Ainda estava confusa embora seus instintos suplicassem para que acreditasse nele. De repente, a vontade de ser franca venceu-a.

— Eu quase morri quando vi vocês se beijando. Não pude acreditar. Não depois das palavras que você me disse. Não depois do que houve entre nós. Você deve ter percebido que eu...

A emoção venceu-a e a fez calar. Caterine fechou os olhos e se virou de costas para ele. Quando abriu os olhos, não pôde evitar de perceber duas jóias de ouro sobre um móvel. Aproximou-se. Eram duas abotoaduras com um brasão gravado.

— Elas são suas?—perguntou, as sobrancelhas franzidas.

— Não estão em meu quarto? Claro que sim. Caterine pegou as abotoaduras e examinou-as.

— Mas este é o brasão do duque de Weyland! — ela exclamou. — Apenas os membros mais próximos de sua família têm a permissão de usá-lo!

— É verdade — Matthew concordou na mais completa calma. — Vejo que entende de aristocracia inglesa.

— E você tem o direito de usar este brasão? — ela indagou, cada vez mais confusa.

Matthew tirou as mãos dos bolsos e se encaminhou lentamente para ela.

— Eu ganhei essas abotoaduras de meu avô, o duque de Weyland, em meu vigésimo-primeiro aniversário. Só costumo usá-las em ocasiões muito especiais.

Caterine fitou-o, boquiaberta.

— Está me dizendo que é neto do duque de Weyland? Céus, por que não me contou isso antes?

Matthew deu de ombros.

— Por que deveria? Meu avô tem muitos netos e eu sou apenas um deles. Não vejo em que isso a interessaria.

Ele estava certo. O fato de ser neto de um duque não fazia nenhuma diferença. Ou fazia? Matthew era membro de uma família ainda mais antiga do que a sua!

Um súbito pensamento aflorou à mente de Caterine. Damiano havia mencionado que ela ficaria

surpresa quando soubesse mais a respeito de Matthew.

— Meu irmão sabe sobre você?

— Sim — Matthew respondeu com um sorriso. — Ele fez uma investigação completa sobre mim antes de concordar em me dar o emprego. Eu o respeito muito. Seu irmão é um homem íntegro. Eu lhe pedi que guardasse segredo sobre minhas origens e ele não me traiu. Nem sequer com sua própria irmã. Eu me formei em arquitetura e é assim que gosto de ganhar minha vida. Quero que as pessoas me considerem por minhas habilidades e não por eu ser neto do duque de Weyland.

Matthew se calou em seguida e deu um passo em sua direção.

— Está satisfeita? Se estiver, é sua vez de esclarecer minhas dúvidas. Você disse algo, há instantes, que eu gostaria que explicasse melhor.— Ele mergulhou os dedos em seus cabelos, provocando-lhe um arrepio. — Você disse que eu deveria ter percebido algo. Não percebi. Gostaria que você fosse mais clara.

Ela olhou no fundo daqueles olhos e sorriu após uma ligeira hesitação.

—Eu te amo. Era isso que deveria ter percebido, Matthew.

Mas ele não retribuiu seu sorriso, embora continuasse a lhe afagar os cabelos.

— E Horácio?

— Horácio? — ela repetiu. Era engraçado. Aquele nome parecia ter sido varrido de sua mente. — Eu nunca amei Horácio. Pensei que sim, mas estava enganada. Descobri isso há muito tempo. — Ela ergueu o rosto e beijou-o nos lábios. — Nunca amei ninguém como amo você, Matthew. Não sabia o que era o amor até te conhecer.

Ele já a havia tomado nos braços durante a declaração. Antes que a interrompesse com um beijo, ela quis dizer:

— Não declarei antes meus sentimentos porque ainda tinha medo. Fui uma tola. Acreditei nas mentiras de Horácio e temia que você quisesse me usar para subir na vida. Apesar do que Damiano me disse, do que meus próprios instintos me disseram, eu tinha medo de me entregar.

— Não diga mais nada. — Matthew colocou um dedo sobre seus lábios. — Eu compreendo você.

Matthew abraçou-a e ficou imóvel por um momento. Queria apenas sentir Caterine de encontro a seu corpo. Precisava ter certeza de que ela era finalmente dele. Descobrira que a queria desde a noite do jantar em benefício ao Instituto Bardi. Naquela mesma louca noite havia decidido que queria se casar com ela. Houvera ocasiões em que pensara que seus planos jamais se concretizariam, mas nunca, em momento algum, desistira de tê-la. li

— Tudo o que importa, Caterine, é que você me ame de verdade, pois eu juro que te amo mais do que a vida.

A felicidade era tanta que Caterine sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Abraçou-o e deitou a cabeça em seu ombro.

Matthew esperou alguns instantes. Depois segurou-lhe o queixo e beijou-a na boca. Foi um beijo ardente e apaixonado que expressou todo o amor que inundava seu coração. E Caterine retribuiu o beijo com a mesma intensidade. O milagre estava acontecendo. O homem que aprendera a amar era

seu por fim.

— Por quanto tempo pretendia continuar escondendo a verdade sobre suas origens? — Caterine quis saber, depois.

— Até que eu tivesse certeza de que você me amava. A partir de agora, prometo que não haverá mais segredos entre nós. Nem mal-entendidos. Por falar nisso, você acreditou no que eu lhe contei sobre Claire?

— Sim, eu acreditei. E por falar nisso — ela sorriu e lhe deu um beijo na ponta do nariz —, quando ela pretende ir para Chicago? Eu a levaria com muito prazer ao aeroporto.

— Ela já foi embora — Matthew contou, sorrindo também. — Quando nós terminarmos de fazer amor, ela deverá estar aterrissando.

Mal disse essas palavras, Matthew ergueu-a nos braços e carregou-a para a cama.

— Que notícia maravilhosa! — Caterine exclamou. — Espero apenas que ela não tenha ido de Concorde.

Matthew deitou-a e sorriu, malicioso.

— Não sei, mas o que tenho em mente corresponderia a uma viagem de helicóptero, digamos.

Caterine e ele riram, abraçados.

— Com várias escalas — ela brincou e deslizou as mãos pelas costas nuas e fortes.

Duas pessoas, de mãos dadas, estavam admirando o pôr-do-sol a um dia da realização de seu casamento. Isto é, uma pessoa estava admirando o crepúsculo. A outra, Matthew, estava olhando para a mulher a seu lado.

Ele nunca havia sido tão feliz em sua vida quanto nos últimos dois meses, desde que Caterine lhe declarara seu amor. E ele nunca havia tomado uma decisão mais acertada em sua vida, quanto na noite do jantar Bardi.

Sentindo o olhar do noivo em seu rosto, Caterine finalmente se virou para ele.

— Em que está pensando?

— Em quanto eu te amo — Matthew respondeu e beijou-a.

— Que coincidência. Eu estava pensando o mesmo — Caterine murmurou sentindo uma onda de felicidade envolvê-la como acontecia todas as vezes em que o fitava.

— Que tal darmos um passeio até o lago para nos despedirmos de nossos cisnes?

Saíram abraçados e sorridentes. Tudo era perfeito. A vida não podia ser mais maravilhosa. A família havia adorado a notícia sobre seu casamento, principalmente Damiano, com quem Caterine voltara a se entender. E agora ela estava prestes a pertencer a mais uma família que também era adorável. Matthew e ela haviam viajado para a Inglaterra duas semanas antes para que ela conhecesse os Weyland.

O sol tingia o céu de vermelho e de laranja quando eles chegaram ao lago e se puseram a observar os cisnes.

— Sabe o que eu gostaria de pedir, se fosse possível? Que todos os casais do mundo fossem como os cisnes e ficassem juntos para sempre, amando-se, assim como aconteceu com meus pais.

— E como acontecerá conosco — Matthew acrescentou, certo de que o amor que os unia

duraria até a eternidade.

— O destino foi bom para nós — Caterine respondeu e seu pensamento se voltou para Sofia e para Damiano.

— Você é uma garota muito especial — Matthew elogiou-a. — Tem um coração de ouro era fácil te amar para sempre.

— Eu também não terei a menor dificuldade em continuar te amando — ela garantiu. — Você é um homem muito especial.

— Caterine, você é tudo para mim, meu amor, minha esposa, meu futuro, hoje e sempre.

Enquanto se entregavam a um novo beijo, o sol finalmente se escondeu por trás das árvores. Faltava apenas uma noite. Quando o dia seguinte raiasse, a eternidade estaria começando.

Sobre a Autora

STEPHANIE HOWARD nasceu em Dundee, Escócia, e cursou a Faculdade de Economia de Londres. Trabalhou por dez anos como jornalista para diversas revistas londrinas, entre elas a Woman's Own. Stephanie trabalhou também como editora da revista Honey hoje não mais publicada. Ela gosta de aventuras. Já morou e trabalhou em vários países, entre eles a Itália, a Malásia, as Filipinas e o Oriente Médio.